



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RAPHAEL DE ANDRADE LIMA AMORIM

**A EXPERIÊNCIA E O ESPAÇO DAS MULHERES AFRO-AMERICANAS NAS
OBRAS COMPAIXÃO E VOLTAR PARA CASA, DE TONI MORRISON, E AS
REPRESENTAÇÕES, AÇÕES E MOTIVAÇÕES DAS OUTRAS MULHERES**

Recife

2021

RAPHAEL DE ANDRADE LIMA AMORIM

**A EXPERIÊNCIA E O ESPAÇO DAS MULHERES AFRO-AMERICANAS NAS
OBRAS COMPAIXÃO E VOLTAR PARA CASA, DE TONI MORRISON, E AS
REPRESENTAÇÕES, AÇÕES E MOTIVAÇÕES DAS OUTRAS MULHERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Teoria da Literatura

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Brenda Carlos de Andrade.

Recife

2021

A524e Amorim, Raphael de Andrade Lima

A experiência e o espaço das mulheres afro-americanas nas obras *Compaixão e Voltar para casa*, de Toni Morrison, e as representações, ações e motivações das outras mulheres / Raphael de Andrade Lima Amorim. – Recife, 2021.

73p.

Orientadora: Brenda Carlos de Andrade.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

Inclui referências.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Toni Morrison. I. Andrade, Brenda Carlos de (Orientadora). II. Título.

809 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2021-64)

RAPHAEL DE ANDRADE LIMA AMORIM

**A EXPERIÊNCIA E O ESPAÇO DAS MULHERES AFRO-AMERICANAS NAS
OBRAS COMPAIXÃO E VOLTAR PARA CASA, DE TONI MORRISON, E AS
REPRESENTAÇÕES, AÇÕES E MOTIVAÇÕES DAS OUTRAS MULHERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 01/03/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^a. Brenda Carlos de Andrade (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ricardo Postal (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

A Dona Angelina e Dona Carmita, minhas avós, as quais considero mulheres extremamente fortes e admiráveis.

A Dadá, por ser uma mulher que amou e cuidou destemidamente das mulheres de minha família.

A meus pais, Bertiana de Andrade Lima e Alexandre Antonio, porque os amo incondicionalmente e por me dar uma vida de oportunidades, possibilidades e muito amor.

Ao meu irmão, Alexandre Amorim, por ser um amigo de todas as horas.

A minha tia Ana, pela qual tenho tanto amor, consideração e respeito. Também por ser uma tia/mãe por toda minha vida.

A Rennan Galvão, por ser meu grande companheiro e que luta comigo a cada dia.

A minha família, majoritariamente feminina, que me inspira sempre a pensar mais sobre as representações femininas que me submeto felizmente a tornar como meu objeto de estudo acadêmico.

A minha orientadora, Brenda Carlos de Andrade, que me ajudou brilhantemente a desenvolver esse meu trabalho durante esses meses, pelos quais sou muito agradecido.

“Ser mulher neste lugar é ser uma ferida que nunca fecha. Mesmo que forme cicatriz, o abcesso continua sempre por baixo” (MORRISON, 2009).

RESUMO

A literatura de Toni Morrison nos mostra uma necessidade de destacar a realidade do povo negro, tradicionalmente omitido da história oficial, com o objetivo de ler algo que ainda não havia sido escrito. Neste trabalho, torna-se importante abarcar inicialmente uma questão fundamental, que é a relação dos Estados Unidos da América e com os negros e como se deu a construção de uma América racista. Por consequência, também é necessário entender como as condições das mulheres afro-americanas nos Estados Unidos ainda estão cheias de inúmeros traumas e de muitas resistências. Por isso, buscamos observar o trauma cultural, os esquecimentos e as histórias da América discriminatória. Torna-se importante observar as representações, as ações e os traumas enfrentados pelas afro-americanas nas obras *Compaixão* e *Voltar para casa*. Também pensando em como a questão maternal aparece em estudos recorrentes atualmente, se fez necessário analisar a questão da maternidade nas obras de Morrison e com é a relação das personagens/mães. Buscaremos as características que identifiquem os espaços, as representações e as ações da personagem Florens, Lina, Rebekka, Sorrow, em *Compaixão*, e de Ycidra Money, em *Voltar para casa*.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Toni Morrison.

ABSTRACT

Toni Morrison's literature shows us a need to highlight the reality of black people, traditionally omitted from official history, in order to read something that had not yet been written. At work, it is important to initially address a fundamental question that is the relationship between the United States of America and blacks and how the construction of a racist America took place. And consequently, to understand how the conditions of African American women in the United States are still full of countless traumas and many resistances, and that is why we seek to observe the cultural trauma, forgetfulness and histories of discriminatory America. It is important to observe the representations, actions and traumas faced by African American women in the works of studies of *A mercy* and *Home*. And also thinking about how the maternal issue is in recurrent studies today, it became necessary to analyze the issue of maternity in Morrison's works and how they became a difficult issue for the characters/mothers. We will be looking for the characteristics, which identify the spaces, representations and actions of the character Florens, Lina, Rebekka, Sorrow in *A Mercy* and Ycidra Money in *Home*.

Keywords: Gender. Sexuality. Toni Morrison.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	ESTADOS UNIDOS X NEGROS.....	11
2.1	A CONDIÇÃO DA MULHER AFRO-AMERICANA NOS ESTADOS UNIDOS.....	13
2.2	TRAUMA CULTURAL, ESQUECIMENTOS E HISTÓRIAS.....	17
3	TONI MORRISON.....	22
3.1	MORRISON E O ESPAÇO LITERÁRIO CONTEMPORÂNEO DA DIÁSPORA NEGRA NORTE-AMERICANA.....	23
3.2	QUESTÃO DOS AFRO-AMERICANOS: A DIFÍCIL MISSÃO DE TRADUZIR A DOR DO OUTRO.....	27
3.3	AS INCURÁVEIS FERIDAS DAS MULHERES.....	30
4	A LEITURA DA MULHER NEGRA: A DIFÍCIL TAREFA DE SARAR A FERIDA NA HISTÓRIA AFRO-AMERICANA.....	33
4.1	AS REPRESENTAÇÕES E OS TRAUMAS DAS MULHERES ENFRENTADOS NAS OBRAS <i>VOLTAR PARA CASA</i> E <i>COMPAIXÃO</i>	36
4.2	MATERNIDADE: A RELAÇÃO DAS PERSONAGENS/MÃES E <i>COMPAIXÃO</i> E <i>VOLTAR PARA CASA</i>	42
5	PARA ALÉM DO PROBLEMA RACIAL: A REPRESENTAÇÃO E O ESPAÇO DADO ÀS MULHERES EM <i>COMPAIXÃO</i> E EM <i>VOLTAR PARA CASA</i>.....	55
5.1	A SENHORA BRANCA: REBEKKA.....	55
5.2	A MULHER INDÍGENA: LINA.....	61
5.3	A MENINA ÓRFÃ: SORROW.....	64
5.4	MISS ETHEL E AS MULHERES DE LOTUS.....	66
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	70

1 INTRODUÇÃO

Por que devemos desenvolver uma análise que busque construir relações entre os romances *Compaixão* (2009) e *Voltar para casa* (2016), da autora norte-americana Toni Morrison? Entendemos que a possibilidade de analisar essas duas obras em questão reside, em particular, no fato de que Morrison parece estar comprometida com a representação e com a condição das mulheres afro-americanas nos Estados Unidos. Os romances a serem analisados não nos contam histórias semelhantes, mas nos inserem em dois contextos criados pela autora, os quais apresentam um passado de povos que estiveram historicamente à margem da cultura norte-americana.

A obra *Compaixão* se situa numa sociedade pré-urbana. Jacob Vaark, um fazendeiro anglo-holandês, recebe uma menina negra escrava como parte do pagamento de uma dívida. *Compaixão* narra a história de Florens ao lado de outras três mulheres, Rebekka, a esposa de Jacob Vaark, Lina, uma escrava indígena, e Sorrow, outra escrava negra que vivia na fazenda. O romance marca o envolvimento entre essas personagens e suas relações.

A trama central de *Compaixão* é tecida por uma matéria altamente comunicável: a memória do trauma. Os efeitos que a força dessas memórias tem sobre as protagonistas, como procurarei demonstrar na análise, atingem em cheio a possibilidade de narrar a si própria. A opção autoral por compor essa narrativa em primeira pessoa, na voz de uma personagem cuja capacidade linguística é profundamente debilitada pelo trauma, revela um esforço que vai além de contar a história. A experiência traumática de Florens é para ser ouvida e vivida juntamente com a personagem.

Já em *Voltar para casa*, o personagem Frank Money volta da Guerra da Coreia. Ele vive em conflito com suas perturbações interiores, causadas por essa guerra: encontra-se perturbado por ter sido um sobrevivente e pelas coisas terríveis que cometeu. Ao defrontar-se com um país racista, o personagem reluta em voltar para sua cidade natal na Geórgia, onde deixou sua irmã mais nova, Ycidra. Ci, como esta é conhecida na obra, sobreviveu por anos diante das dificuldades causadas pela ausência do irmão, inserida numa sociedade machista e opressora. Nesses caminhos tortuosos, encontramos os irmãos e, com o retorno de Frank, poderemos compreender o peso do regresso da guerra em sua vida e a dura vida de uma mulher negra num meio social misógino e racista.

A análise das obras de Toni Morrison parte da representação das mulheres afro-americanas nas obras *Compaixão* e *Voltar para casa* e do espaço dado às outras mulheres (brancas, indígenas) numa sociedade machista retratada nos dois romances. As obras da autora

ficcionalizam as relações raciais nos Estados Unidos e questionam apagamentos da violência nos registros históricos e como esses fatos, representados nas duas narrativas, devem ser cada vez mais debatidos. Morrison nos leva a compreender que o passado resultou numa narrativa complexa, que trata as histórias de seus personagens a partir de suas marcas traumáticas, impostas pelo destino/condição histórica a esses indivíduos.

É visto nas obras que as personagens, no decorrer de suas histórias, tiveram dificuldades para gerar filhos: Ycidra tornou-se infértil pelas mãos de Dr. Beau, que a usou como cobaia para suas injeções em práticas de aborto das damas da sociedade; já Rebekka pariu quatro bebês saudáveis, viu três morrerem em idades diferentes de uma ou outra doença e depois viu sua primeira filha Patrician, que chegou à idade de cinco anos, também falecer. Pensando nessa questão da maternidade, nosso foco aqui é analisar como esses fatos influenciaram e interferiram na vida dessas mulheres, identificando pontos de semelhanças e divergências nas personagens Rebekka, em *Compaixão*, e Ycidra, em *Voltar para casa*, no tocante aos anseios e aos sofrimentos de serem mães sem filhos.

As personagens femininas, mesmo em obras distintas, partilham de sentimentos muito próximos: os traumas, as angústias e as crises vividas por elas. Segundo Zinani (2013), considerando que a crítica feminista procura definir o sujeito-mulher, devemos verificar como esse sujeito se apresenta e é apresentado. O exercício que aqui propomos não só revê, mas questiona como é construída a identidade feminina e em função de quais valores apresentados em ambas as obras.

Os estudos pós-coloniais também entram em nosso trabalho como ponto fundamental e necessário. Esses estudos desenvolveram-se sobre um discurso colonialista, abrangente em obras de Edward Said, Gayatri Spivak e Homi Bhabha. No entanto, o termo só foi usado mais tarde, nos anos 1990. Para Santos (2010), a literatura pós-colonial abarca uma grande quantidade de textos, focalizando as experiências coloniais escritas por metropolitanos, crioulos e indígenas durante o período colonial. Em nossa análise, esses estudos vão nos auxiliar a problematizar as questões de poder, gênero, raça, subordinação, entre outras possivelmente encontradas em ambas as narrativas.

2 ESTADOS UNIDOS X NEGROS

O continente americano nos faz nos deparar com um cenário repleto de multiplicidades no que diz respeito aos povos, às tradições, aos costumes, às línguas, entre outros aspectos. Apesar disso, é possível voltarmos ao passado e procurarmos estabelecer um diálogo entre as diferentes histórias e culturas relativas às Américas. Uma das formas em que tal diálogo pode ser observado é a forte presença da diáspora africana no continente em questão. No entanto, nossa atenção se volta para os Estados Unidos da América.

O sistema de colonização exploratório, implantado nas colônias sulinas, muito se parece em vários conceitos ao praticado pelos portugueses e espanhóis na América Latina. Diferentemente dos estados do Norte, nos quais, após a instauração da República, aconteceu uma gradual abolição do sistema escravista, o Sul aparece enraizado por esse sistema de produção. A partir de 1790, a escravidão alcançou um estágio mais lucrativo, fazendo o sentimento abolicionista se desvanecer no pensamento do grande proprietário sulista devido a fatores como o surgimento de uma grande indústria algodoeira, a expansão da cultura de cana-de-açúcar para o sudeste da Louisiana (terra quente e propícia para o cultivo) e a difusão da cultura do tabaco para o Oeste norte-americano.

Segundo Fuão (2001), a economia centrada no *plantation* expandiu-se pelas colônias americanas através de um clima favorável ao seu desenvolvimento: verões muito quentes com chuvas regulares. Esse tipo de agricultura propiciou o surgimento de uma oligarquia forte, com estreitos laços comerciais e políticos com o exterior, impulsionando a hierarquização da sociedade,

Principalmente no sul, onde havia necessidade de mão-de-obra escrava. Com isso, a população norte-americana adquiriu um forte percentual de negros no seu quadro geral, alcançando em 1815 o total de um milhão e meio de negros sobre oito milhões e meio do total de habitantes. Mais precisamente no Sul, o contingente de escravos chegou ao índice de um terço do total. O sistema de grande propriedade rural, baseado no sistema escravista, formava, assim, uma aristocracia suficientemente capaz de controlar, tanto política como economicamente, o Sul, através de uma sociedade totalmente antagônica: senhor-escravo. Para a manutenção do negro sob os seus interesses econômicos, a classe dirigente também possuía ao seu lado o poder religioso. A Igreja, no Sul, tentava legitimar através do discurso a prática de dominação e submissão do escravo, atribuindo à "vontade de Deus" a situação, contrariando totalmente a ideia de condições igualitárias para todos os homens. Com isso, tentava-se dominar o negro para melhor servir o seu senhor, afastando-o de qualquer ideia de rebelião e fuga frente à condição existente (FUÃO, 2001, p. 61).

Retirados de forma violenta de suas terras, africanos foram trazidos em péssimas condições para as Américas entre os séculos XVI e XIX:

A conquista, a colonização, a escravidão, o extermínio das culturas autóctones, a discriminação racial durante os vários estágios da construção nacional na América Latina e Central, no Caribe, nos Estados Unidos e no Canadá constituem uma história de deslocamentos violentos e experiências disjuntivas. Esta experiência de desenraizamento e expropriação, que é um dos mais importantes denominadores ligando diferentes nações e culturas étnicas através das Américas, envolve tanto o desarraigamento espacial e psicológico de lugar, língua, identidade, tradição, *ethos* e cosmovisão quanto a resistência a estas formas de subalternização (neo) colonial (WALTER, 2009, p. 145).

Nesse processo de escravização, cujo objetivo era gerar lucro para nações europeias, os africanos tiveram suas narrativas silenciadas, quando não aniquiladas, pela cultura hegemônica:

O primeiro navio holandês com escravos negros chegou à Virgínia em 1619. Em 1624, em Jamestown, o primeiro menino negro nasceu em solo americano. Era William Tucker, filho de africanos e, oficialmente, o primeiro afro-americano. Em duas décadas, a escravidão já estava presente em todas as colônias e havia uma legislação específica para ela. A escravidão negra concorria com a servidão branca, mas o contato dos mercadores das colônias com as Antilhas foi servindo como propaganda para o uso da mão-de-obra africana. Aos plantadores, a escravidão negra foi parecendo cada vez mais vantajosa e seu número crescia bastante (KARNAL, 2007, p. 63).

Dessa forma, uma vez rompidos os laços com seu território de origem, os negros africanos buscaram maneiras de reconstruir suas próprias identidades e de atuar na formação de uma memória cultural: “Assim, durante o século XVIII, a população norte-americana sofria um forte aumento populacional advindo do tráfico negreiro para o cultivo de algodão, milho e tabaco, sempre nas piores condições de existência” (FUÃO, 2001, p. 59).

No contexto da diáspora africana nas Américas, os sujeitos que estiveram por muito tempo relegados a uma condição de marginalidade procuram se fazer ouvir em um mundo ainda dominado por uma supremacia branca europeia. Nesse sentido,

Diferentemente do aspecto econômico, o racismo mostrou o lado negativo da herança, “manchando” toda uma moralidade social que perpassa durante séculos. Apesar de uma luta intensa dos negros norte-americanos, frente à opressão branca na sociedade, o fim desejado pelos primeiros ainda permanece inalcançado. Não precisamos voltar muito no tempo para extrairmos provas substanciais que comprovem de forma inquestionável a recente violência que ainda permanece sendo aplicada frente a esses descendentes africanos (FUÃO, 2001, p. 65).

Observando esses aspectos históricos e das lutas durante anos, entendemos a importância dos estudos das questões de raça e consideramos o quão importante e fundamental é analisarmos essas problemáticas a partir do texto literário. Por isso, tomamos como exemplo dessa postura relutante, especificamente no tocante ao universo literário, a escritora Toni

Morrison. A escrita da autora afro-americana apresenta, como marca, o desejo de dar visibilidade à história do afrodescendente norte-americano:

Após décadas lutando para escrever narrativas fortes que retratassem personagens decididamente negros, eles podem se perguntar se eu venho praticando o branqueamento literário. Não. Não estou pedindo para ninguém se juntar a mim mesma nessa empreitada. Mas estou decidida a neutralizar o racismo barato, a aniquilador e desacreditar o fetiche da cor rotineiro, fácil e disponível, que remeter à própria escravidão (MORRISON, 2019, p. 80-81).

Segundo Roland Walter (2009, p. 152),

A dupla escrita de Morrison tem duas funções principais: uma função desconstrutiva que desmistifica e problematiza as práticas e as forças socioculturais da comunidade negra e o seu entre-lugar na sociedade norte-americana, e uma função reconstrutiva que reúne a comunidade negra mediante a rememoração dos seus mitos e crenças, do seu imaginário.

Torna-se necessário destacar que a história desses povos se caracteriza, de forma geral, pela escravidão, pelo preconceito racial e por uma tentativa de construção de sua própria identidade. Assim, a autora lança mão de referentes culturais e/ou variedades dialetais ligadas à diáspora africana para compor suas obras literárias.

2.1 A CONDIÇÃO DA MULHER AFRO-AMERICANA NOS ESTADOS UNIDOS

Tradicionalmente, as mulheres foram, nas esferas que abrangem o social, o histórico, o político e o estético, consideradas como inferiores ao sexo masculino. Em virtude da política do patriarcalismo, a mulher foi silenciada, excluída e vitimada por preconceitos e estereótipos lançados à sua imagem ao longo da história. Se à mulher branca cabia o silenciamento e o subjugamento social, o espaço reservado à mulher negra era muito mais inferiorizado.

Com base nessa perspectiva, a literatura de autoria feminina suscita um novo olhar sobre a produção literária produzida desde meados do século passado até os dias de hoje. Vistas de forma não valorativa tanto no campo literário quanto no cultural, as experiências vividas até então pelas mulheres incentivaram o surgimento, em meados do século XX, de movimentos e manifestações de conscientização dos indivíduos, tornando-se necessário repensar as opressões causadas às mulheres.

Embora as críticas propostas pelos feminismos negros tenham surgido em outros locais da diáspora africana, como na Europa e na América Latina, os Estados Unidos têm sido o local do discurso crítico feminista negro mais sustentado:

Como grupo historicamente oprimido, as estadunidenses negras produziram um pensamento social concebido para se opor à opressão. A forma assumida por esse pensamento não apenas diverge da teoria acadêmica padrão – pode tomar a forma de poesia, música, ensaios etc. –, mas o *propósito* do pensamento coletivo das mulheres negras é distintamente diferente. As teorias sociais que surgem de e/ou em nome das estadunidenses negras e de outros grupos historicamente oprimidos visam encontrar maneiras de escapar da, sobreviver na e/ou se opor à injustiça social e econômica prevalecente. Nos Estados Unidos, por exemplo, o pensamento social e político afro-americano analisa o racismo institucionalizado não para ajudá-lo a funcionar de maneira mais eficiente, mas para resistir a ele (COLLINS, 2000, p. 9, tradução nossa¹).

A crítica feminista negra contemporânea surgiu no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, sendo sustentada pelos movimentos dos direitos civis e desenvolvida em conjunto com a Segunda Onda do feminismo americano, que era dominado por mulheres brancas, e com os movimentos *Black Power* e *Black Arts*, dominados por homens negros. Dessa maneira,

Críticas e escritoras feministas negras do final do século XX, como suas contrapartes brancas, investiram nas conexões entre suas análises atuais e as de suas ancestrais nos séculos XVIII e XIX; em outras palavras, estabelecer um senso de continuidade entre as lutas das mulheres negras e as abordagens críticas da literatura e da cultura em épocas anteriores e no presente tem sido uma preocupação fundamental. (KEIZER, 2007, p. 154, tradução nossa²).

O elemento temático e estrutural da crítica feminista negra, de suas raízes na era da escravidão até o presente, tem sido sua atenção simultânea às múltiplas opressões e categorias de análise:

¹ “As an historically oppressed group, U.S. Black women have produced social thought designed to oppose oppression. Not only does the form assumed by this thought diverge from standard academic theory — it can take the form of poetry, music, essays, and the like — but the *purpose* of Black women’s collective thought is distinctly different. Social theories emerging from and/or on behalf of U.S. Black women and other historically oppressed groups aim to find ways to escape from, survive in, and/or oppose prevailing social and economic injustice. In the United States, for example, African-American social and political thought analyzes institutionalized racism, not to help it work more efficiently, but to resist it. Feminism advocates women’s emancipation and empowerment, Marxist social thought aims for a more equitable society, while queer theory opposes heterosexism” (COLLINS, 2000, p. 9).

² “Late twentieth century black feminist critics and writers, like their white counterparts, have been invested in the connections between their present-day analyses and those of their foremothers in the eighteenth and nineteenth centuries; in other words, establishing a sense of continuity between black women’s struggles and critical approaches to literature and culture in previous eras and in the present has been a foundational concern” (KEIZER, 2007, p. 154).

Num exame retrospectivo sobre a experiência das mulheres negras escravas, o sexismo assomava-se maior que o racismo como uma força opressiva nas vidas das mulheres negras. O sexismo institucionalizado – ou seja, o patriarcado – formou a base da estrutura social americana bem como o imperialismo racial. O sexismo era uma parte integral da ordem social e política que os colonizadores brancos trouxeram das suas terras da Europa e teve um impacto grave no destino das mulheres negras escravizadas. Nos seus estados iniciais, o negócio da escravidão focou-se primeiramente na importância dos trabalhadores; a ênfase nesse tempo era sobre o homem negro. Nesse tempo a mulher negra escrava não era valiosa como o homem negro. Em média, custava mais dinheiro comprar um homem escravo que uma mulher escrava. A escassez de casais trabalhadores e a relativa pouca quantidade de mulheres negras nas colônias americanas fez com que alguns agricultores brancos encorajassem, persuadissem e coagissem as mulheres brancas imigrantes a terem relações sexuais com os homens negros escravos como um meio de produzir novos trabalhadores (HOOKS, 2014, p. 14).

Podemos analisar classe, gênero e sexualidade na tentativa de entender a preocupante indiferença dos homens com relação às violências que, sistematicamente, sofrem as mulheres negras, as mulheres não brancas, as mulheres vítimas da colonialidade do poder e, inseparavelmente, da colonialidade do gênero, as mulheres que criam análises críticas do feminismo hegemônico, precisamente por ele ignorar a interseccionalidade das relações de raça/classe/sexualidade/gênero. Diante disso,

O sexismo, o racismo e a ideologia de classe separam as mulheres umas das outras. Dentro do movimento feminista, divisões e desacordos sobre estratégias e ênfases levam à formação de vários grupos, cada um com uma posição política distinta. A formação de diferentes facções políticas e grupos com interesses especiais tem erguido barreiras desnecessárias ao desenvolvimento da irmandade que poderiam ser facilmente derrubadas. Grupos com interesses especiais levam as mulheres a acreditar que apenas as feministas socialistas deveriam se ocupar da questão da classe; que apenas as feministas lésbicas deveriam se ocupar da opressão das lésbicas e dos homens gays; que apenas as mulheres negras e de cor deveriam se ocupar do racismo; qualquer mulher pode se posicionar politicamente contra o sexismo, o racismo, o heterossexismo e a opressão classista. Ela pode escolher focar em questões políticas ou em causas particulares, mas se se opõe com firmeza a todas as formas de opressão, essa perspectiva mais ampla irá se manifestar em todos os seus trabalhos, independentemente de sua natureza específica (HOOKS, 2020, p. 104-105).

A partir da problematização dessa indiferença diante das violências que o Estado, o patriarcado branco e próprios homens perpetuam contra as mulheres de nossas comunidades em todo o mundo, chegamos a esta investigação teórica. É interessante notar que essas comunidades, tanto as que estão em grandes centros urbanos do mundo quanto as que estão nas comunidades rurais, nunca aceitaram a invasão colonial passivamente:

As mulheres africanas receberam o choque desta brutalização massiva e aterrorização não apenas porque podiam ser vitimizadas através da sua sexualidade, mas também porque era mais provável que elas fossem trabalhar na intimidade das famílias brancas do que os homens negros. Desde que os escravagistas observaram a mulher negra

como uma cozinheira vendável, ama-seca, empregada doméstica, era crucial que ela fosse tão exaustivamente aterrorizada que se submeteria passivamente à vontade do dono branco, da dona, e dos seus filhos. Para fazer o seu produto vendável, o escravagista tinha de garantir que nenhuma serva mulher negra rebelde iria envenenar a família, matar as crianças, incendiar a casa, ou resistir sob qualquer forma. A única garantia que ele podia prover era baseada na sua capacidade de domesticar o escravo. Sem dúvida, a experiência do navio negreiro teve um tremendo impacto psicológico na alma das mulheres e homens negros. Tão horrorosa foi a passagem da África para a América que essas mulheres e esses homens apenas conseguiram manter a vontade de viver, apesar das suas condições opressivas de sobrevivência. As pessoas brancas que observaram os africanos quando saíram dos navios na costa americana notaram que eles pareciam estar felizes e alegres. Pensaram que essa felicidade dos escravos africanos era devida ao seu prazer em ter chegado a uma terra cristã. Mas os escravos estavam apenas a expressar o seu alívio. Eles acreditavam que nenhum destino que os esperasse nas colônias americanas podia ser tão horrífico como a experiência do navio negreiro (HOOKS, 2014, p. 16 -17).

Compreendemos a indiferença diante da violência sofrida pelas mulheres em nossas comunidades como uma indiferença também às transformações sociais profundas em nossas estruturas comunais, que são, por isso, completamente adeptas à recusa das imposições coloniais. Procuramos entender a maneira como essa postura indiferente é construída, para, então, convertê-la em algo cujo reconhecimento seja inevitável para aqueles que se dizem envolvidos em lutas libertadoras. Essa indiferença se constrói na vida cotidiana e nos esforços teóricos sobre conceitos de opressão e libertação. Além disso, não aparece apenas na separação categorial de raça, gênero, classe e sexualidade, separação que não nos deixa perceber com nitidez a violência:

É essencial para a luta feminista para acabar com a violência contra a mulher que essa luta seja vista como parte de um movimento maior para acabar com a violência em geral. Até agora, o movimento feminista tem focado primordialmente na violência masculina, e como consequência disso tem fortalecido o estereótipo sexista que sugere que os homens são violentos e as mulheres não; os homens são abusadores, as mulheres são vítimas. Esse tipo de pensamento nos leva a ignorar o quanto as mulheres (e os homens) dessa sociedade aceitam e perpetuam a ideia de que é normal que um partido ou grupo dominante mantenha o poder sobre os dominados pelo uso da força coerciva. E nos leva a negligenciar ou ignorar o fato de que as mulheres também exercem autoridade coercitiva sobre outras pessoas ou agem de forma violenta. O fato de que as mulheres não cometem violência com tanta frequência quanto os homens não nega a realidade da violência feminina. Precisamos admitir que as que os homens e as mulheres dessa sociedade são grupos distintos que apoiam, cada um à sua maneira, o uso da violência. Somente a partir desse reconhecimento haveremos de encontrar alternativas para mudar esse estado de coisa (HOOKS, 2020, p. 176-177).

Não se trata somente de uma questão de cegueira epistemológica, cuja origem reside nessa separação sistemática. As feministas negras têm enfatizado aquilo que só é revelado, em termos de dominação e exploração violentas, quando a perspectiva epistemológica se concentra na intersecção dessas categorias. Ainda assim, isso não tem sido suficiente para levar os homens

negros, que também são vítimas de dominações e explorações violentas, a perceberem que, em certa medida, são cúmplices ou colaboradores na efetivação da dominação violenta das mulheres negras. Segundo Hooks (2019, p. 45-46),

A mulher negra, para a qual não existe qualquer “outro” institucionalizado como objeto de exploração, discriminação e opressão, constrói uma experiência vivida que desafia diretamente a estrutura social vigente e sua ideologia sexista, racista e classista. Essa experiência vivida é capaz de moldar nossa consciência de modo a nos diferenciar daqueles que gozam de privilégios (ainda que relativos, dentro do sistema vigente). É essencial à continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam as vantagens advindas de nossa marginalidade e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia do racismo, do sexismo e do classismo, de modo a vislumbrar e criar uma contra-hegemonia.

Em especial, a teorização sobre a dominação global continua sendo conduzida como se fosse irrelevante reconhecer e resistir a traições e colaborações como essas. Portanto, nosso interesse aqui é perceber a importância dos trabalhos sobre gênero, raça e colonização que constituem os feminismos de mulheres negras nos Estados Unidos.

Caracterizar esse sistema de gênero como colonial/moderno, tanto de maneira geral como em sua concretude específica e vivida, nos permitirá observar a imposição colonial em sua real profundidade. Nossa tentativa é, pois, a de tornar visível a instrumentalidade do sistema de gênero colonial/moderno em nossa subjugação — tanto dos homens como das mulheres negras — em todos os âmbitos da vida. Ao mesmo tempo, esse trabalho torna explícita a dissolução forçada e crucial dos vínculos de solidariedade prática entre as vítimas da dominação e exploração que constituem a colonialidade.

Também devemos demonstrar uma forma de entender, ler e perceber nossa lealdade para com esse sistema de gênero. Precisamos nos colocar em uma posição que nos permita repensar, questionar e eliminar esse sistema, enquanto promovemos uma transformação das relações comunais. Assim sendo, torna-se necessário questionar os eixos estruturais para compreendermos os processos de entrelaçamento e de produção de raça e gênero.

2.2 TRAUMA CULTURAL, ESQUECIMENTOS E HISTÓRIAS

Entendemos que os estudos pós-coloniais dão visibilidade a narrativas que reivindicam o lugar de fala da alteridade e desvelam a violência inerente às práticas coloniais. A importância de atentar para esses estudos está no fato de que, assim como a história pessoal, também a história coletiva dos grupos atingidos pela experiência colonial permanecerá atravessada por

esquecimentos enquanto eles não se comprometerem com o trabalho sério de elaboração e compreensão das experiências e vivências que fazem parte de seu passado.

Um estudo comparado entre *Compaixão* e *Voltar para casa* se configura um exercício crítico cultural que busca refletir, pelo viés da memória, sobre as condições sociopolíticas e culturais situadas em ambas as obras. Nos dois romances, esse processo transmite ao leitor um tipo de memória sentimental e traumática projetada nas diversas dores encravadas nas personagens de Morrison, devido à própria condição sociocultural herdada pelo sistema escravocrata. Percebemos que a vivência de um passado doloroso constitui a memória traumática carregada de imagens de violência nas personagens dos romances.

As falhas do passado dão forma à uma mentalidade traumática, em razão disso os acontecimentos são desenvolvidos na narrativa de maneiras desconexa, sendo realizados por imagens da memória de diferentes personagens, que se juntam para retratar um passado que eles não desejam guardar, mas que não conseguem apagar. De acordo com Walter (2009, p. 110)

A memória é um importante instrumento de recriação de uma identidade-lugar entre o passado e o presente que visa o futuro: um meio pelo qual se estabelece a cronotopia necessária para o *self* fragmentado reconstruir sua intimidade perdida nas ruínas entre mares e terras. Deste modo, é mediante a memória que se cria um local de cultura com suas raízes e suas rotas; local este que contém a possibilidade de substituir o desejo alienador pelo outro próprio.

A escrita é interpretada aqui como transposição da memória para o livro, apresentando-se como indício de preenchimento, de permanência. Por meio da escrita, constroem-se memórias e se mantêm, por gerações, valores e concepções de um povo ou de uma nação. Ainda, por meio das lembranças (memória) e da amnésia (esquecimentos), entendemos como ações conexas se montam como elementos imperativos e aflitivos na elaboração do conhecimento. Percebemos, então, que a memória é a única que tem o poder de conservar, de restaurar e de ser evocada quando necessário.

A oralização da memória mediante som, movimento, gesto, dança e ritual – som este que ecoa na reminiscência performática do corpo – não somente recria a ligação entre os ancestrais, os vivos e as gerações futuras; dentro e através deste cronotopo contínuo, fluido, ela também efetua uma apropriação epistêmica dos vazios resultantes da distorção da história pelo discurso dominante. O ato de preencher estes vazios com significações religiosas, estéticas, cognitivas e expressivas afrodescendentes contribui para a sedimentação da memória coletiva e, portanto, para recriação da identidade cultural num processo histórico (WALTER, 2009, p. 104).

A reflexão traumática das raízes escravocratas, do sofrimento, da vida árdua, da perda da potencialidade de brigar pelos seus direitos, das dores carregadas pelos seus ancestrais e do não apagamento da traumática história do seu povo mostra a difícil condição de uma vida que se repetia com frequência.

A narrativa é enfática na capacidade humana de revelar sua vivência na forma de um discurso subjetivo, em relatos, escritos, ressignificando os eventos. Esse processo é o que denominaríamos aqui de uma experiência compartilhada (pós-memória). Para Marianne Hirsch (1992/1993), o termo reflete uma alternância inquietante entre continuidade e cisão, sendo notado nos mecanismos de transmissão de memória aos pares de vítimas de acontecimentos traumáticos: trata-se de rememorar a lembrança de gerações anteriores num processo de memória de ligação. Hirsch (1992/1993) procura explicar que essa transmissão de uma memória repassada aos que não vivenciaram os fatos, mas se sensibilizaram pelo relato, é também uma forma de experiência.

Outra questão interessante para se observar é que a preocupação com o local deve ser básica: cada encontro colonial foi distinto e cada ocasião pós-colonial precisa ser atenciosamente observada com suas especificidades e necessidades. A literatura colonial compreende uma grande quantidade de textos, evidenciando as percepções e experiências coloniais singulares nos escritos de grupos de negros, indígenas e nativos durante o período colonial ou pós-colonial.

Essa literatura compreende tanto textos escritos na Europa como no império, com influência direta ou indireta das colônias, incluindo diário de viagens, relatos, entre outros. A discussão dos teóricos pós-coloniais ou decoloniais gira em torno de questionamentos das consequências da pós-colonização na maneira de pensar, de criar conceitos, de mostrar realidades distintas e de revelar a existência de vivências distintas.

As relações imperiais surgiram com o discurso estruturado por uma noção de hierarquia³, poder e subordinação, que enfatizava o orgulho racial e o poder nacional que aquele império continha: “O termo ‘raça’ encontra-se em uso desde a Idade Média, tendo começado por significar linhagens e depois subdivisões da humanidade. Na Península Ibérica foi aplicado a muçulmanos, judeus e negros para referir uma ascendência impura” (BETHENCOURT,

³ Roland Walter (2009) afirma que o racismo e o sexismo são formas de significação que servem para naturalizar diferenças raciais e sexuais atribuídas como inerentes e imutáveis — formas de significação que legitimam as hierarquias da rede social e constituem o corpo humano como portador de diferença biológica e/ou cultural imutável.

2018, p. 248-249). A literatura pós-colonial faz história quando propaga a ideia de que serve para dissecar as relações coloniais e resistir às perspectivas coloniais.

Como a conquista, em geral, era definida por conflitos militares, pelos deslocamentos de populações e pela exploração de riquezas locais, a resistência a essas dominações por parte daqueles que careciam de armas se dava textualmente. Foi na recriação épica do passado que os primeiros nacionalistas encontraram um meio de contra-escrever sua representação colonial e reinscrever-se nessa nova história. Conforme Roland Walter (2009, p. 145),

A conquista, a colonização, a escravidão, o extermínio das culturas autóctones, a discriminação racial durante os vários estágios da construção nacional da América latina e central, no Caribe, nos Estados Unidos e no Canadá constituem uma história de deslocamentos violentos e experiências disjuntivas. Esta experiência de desenraizamento e expropriação, que é um dos mais importantes denominadores ligando diferentes nações e culturas étnicas através das Américas, envolve tanto o desarraigamento espacial e psicológico de lugar, língua, identidade tradição, *ethos* e cosmovisão quanto resistência a estas formas de subalternização (neo)colonial.

Os estudos pós-coloniais vêm contribuindo para uma abordagem teórica mais inclusiva e que pareça responder às intenções mal sucedidas de esquecer do passado colonial após a independência. Toni Morrison foi importante para esse processo de rememoração de um passado fragmentado. Para Walter (2009, p. 96-97),

Morrison considera o processo de lembrar o passado como o mais importante meio para o afro-americano a) reunir os pedaços estilhaçados da sua identidade fragmentada e b) assumir a responsabilidade pelos seus atos e pelas suas atitudes. A memória – a recriação estética dos mitos, lendas, figuras, lugares e acontecimentos do passado – funciona nos textos de Morrison como estratégia de resistência contra descontinuidade, fragmentação e aculturação, assim como força de alienação destrutiva que impede a recriação do eu e da pertença étnico-cultural.

É preciso que os estudos pós-coloniais interroguem, revisitem e nos lembrem do passado excludente dos povos negros, indígenas, nativos, judeus, dentre outros. Esses arquivos coloniais estão cheios de múltiplas narrativas de resistência e nos mostram um discurso que engloba e questiona momentos políticos, históricos e literários.

As conquistas, a colonização e a escravidão, dolorosamente, ainda persistem na construção colonial das Américas Latina, Central e do Norte, construindo histórias de deslocamentos violentos e de extermínios. Estes estão ligados a elementos de nações diferentes e a culturas étnicas distintas da centralidade europeia, desenvolvendo brutais processos de desarraigamento espacial e psicológico de lugares, línguas, identidades e divergentes formas de resistência e subalternação. Qualquer nação possui suas fronteiras e cria espaços excludentes

para aqueles que não se enquadram em suas relações de interesses políticos, econômicos e socioeconômicos. Nessa perspectiva,

Esta constelação de fronteiras internas e externas tem sido complicada ainda mais nas Américas por causa de uma política imperial localmente específica e temporalmente variada desde o início da expansão ocidental no século dezesseis. Nos fins do século dezoito e no início do século dezenove, as nações americanas pós-independentes encararam as tarefas difíceis de definir uma consciência nacional específica, mediante contra o legado cultural restante da Europa. Ao passo que a interação de diferentes colonizações internas e externas moldou diversas culturas de maneira específica, resultando em lutas e caminhos diferentes que levaram à emancipação nacional e cultural, uma das situações que liga as culturas e nações nas Américas é o efeito do genocídio etnocultural continua até o presente (WALTER, 2009, p. 146).

Pensando na brutalização dos espaços (terra e lugares) e dos corpos (negros e dos nativos), há um legado colonial que cria elementos essenciais, os quais fazem parte dos processos de violência e de exploração colonial. Parte da literatura negra mostra que esses corpos brutalizados têm sido terreno para muitas lutas. Enquanto heranças das violências coloniais, a África e as Américas mesclaram-se esquizofrenicamente ao inferno do holocausto escravocrata.

3 TONI MORRISON

A escritora afro-americana Toni Morrison (Chloe Ardelia Wofford) nasceu em 1931, em Lorain, Ohio, nos Estados Unidos, e faleceu em 2019. Formou-se em Inglês na Howard University, uma universidade tradicionalmente negra, situada em Washington D.C., em 1953, e fez mestrado na mesma área na Cornell University, em Ithaca, Nova York, desenvolvendo uma pesquisa sobre a alienação e o suicídio nas obras de William Faulkner e Virginia Woolf, cujos estilos literários a influenciaram posteriormente em sua carreira como escritora (BRODEY; MALGARETTI, 2002). Depois de lecionar na Texas Southern University e na própria Howard University, Morrison foi contratada pela editora Random House, em 1968, com o propósito de editar trabalhos de autores majoritariamente negros.

Além de trazer grandes contribuições para a divulgação da cultura afro-americana, publicando um número considerável de obras de autores como Angela Davis, Toni Cade Bambara e Gayl Jones, a autora exerceu um papel muito importante na formação do cânone desse campo de estudos. Um dos projetos organizados por Morrison e por quatro outros editores – *The Black Book* (1974) – aborda a trajetória de vida de descendentes de africanos em solo estadunidense por meio de fotos, receitas, cartas, certidões de nascimento e recortes de jornal.

Sua escrita produziu uma multiplicidade de influências, como obras das autoras Eudora Welty e Marguerite Duras, romances latino-americanos e, sobretudo, fontes africanas e afro-americanas. A literatura de Morrison contribuiu de modo inovador para o campo da literatura produzida por negros nos Estados Unidos, na medida em que nenhum escritor afro-americano fez o que ela fez e tornou-se referência dentro de seu campo de estudo, abrindo caminhos para as novas gerações.

Durante os anos 1960 e 1970, começou a ser produzida nos Estados Unidos uma literatura importante onde incluía judeus, afro-americanos, nativo-americanos, hispânicos, asiáticos-americanos, homossexuais e assim por diante. Talvez, o que realmente conecte esses grupos é o interesse pelo tema da individualidade. No entanto, pensando na literatura de Morrison, ela veio escrevendo sobre as experiências das pessoas negras desde os tempos da escravidão até os dias atuais; sua poética é realista e nunca ignora o horror e as tragédias da vida relacionadas ao povo negro (BRODEY; MALGARETTI, 2002, p. 348, tradução nossa⁴).

⁴ “American society began to produce important writings including Jews, African- americans, Native-americans, Hispanics, Asian-American, homosexuals and so on. Many of these groups came to the fore during the 1960s and 1970s. Perhaps the only theme that links together these various groups is their interest in America’s theme par excellence: individuality” (BRODEY; MALGARETTI, 2002, p. 348).

Morrison produziu uma variedade de gêneros ao longo dos anos, incluindo romances — *The Bluest Eye* (1970), *Sula* (1973), *Song of Solomon* (1977), *Tar Baby* (1981), *Beloved* (1987), *Jazz* (1992), *Paradise* (1998), *Love* (2003), *A Mercy* (2008), *Home* (2012) e *God Help the Child* (2015) —, pelos quais a autora é mais conhecida, bem como literatura infantil, conto, ensaios, livros de crítica literária e peças teatrais. Tamanha produção lhe rendeu uma variedade de prêmios literários, como o Pulitzer Prize por *Beloved* (1988). Ela também foi a primeira escritora negra a receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1993, obtendo traduções de seus livros para vários idiomas. Inclusive, utilizamos as traduções brasileiras de *A Mercy* como *Compaixão* (2009) e *Home* como *Voltar para casa* (2016) para nossas análises.

É interessante ressaltar que, em relação às suas obras, elas apresentam uma forma peculiar de narrativa, lançando mão das técnicas de fluxo de consciência, múltiplas perspectivas e cronologia não-linear. Os personagens são, em grande parte, negros, e, por meio deles, a autora revela as lutas individuais e coletivas dos afro-americanos em uma sociedade hegemonicamente branca.

A literatura de Morrison demonstra a necessidade de se destacar a realidade do povo negro, tradicionalmente omitido da história oficial, com o objetivo de ler o que ainda não havia sido escrito, então “o sofrimento pessoal de cada personagem feminina torna-se sofrimento de todos que um dia foram vitimizados. Todas as mulheres personagens são inteligentes, trabalhadoras e praticam atos que desestruturam as comunidades de que fazem parte” (NIGRO, 2010, p. 156).

Outra característica marcante em sua escrita é o uso de uma linguagem que busca evidenciar a tradição oral pertinente ao contexto afro-americano, além de ampliar o cenário da crítica literária ao propor uma teorização que ilumine uma tradição negra estadunidense marcada, ao mesmo tempo, por uma relação e por uma subversão de valores dominantes brancos.

3.1 MORRISON E O ESPAÇO LITERÁRIO CONTEMPORÂNEO DA DIÁSPORA NEGRA NORTE-AMERICANA

Questionar-se e fazer-se acreditar em um mundo de liberdades para todos parece carecer de uma consciência e de uma noção de que a liberdade custa caro e de que, muitas vezes, ela foi negada para muitos. A impressão é de que vivemos liberdades em *níveis de permissão* e de que só podemos chegar a certos lugares se formos autorizados a conquistá-los, mas, como bem sabemos, vários limites foram criados, e muitos grupos sociais tiveram sua liberdade

sequestrada. É pensando a partir de uma perspectiva de grupos privilegiados que usufruem desses direitos de escolhas que devemos observar autores que detêm esses poderes de *libertar* através de uma *linguagem libertadora*. Por conseguinte, podemos afirmar que se faz necessário entender como Toni Morrison, por meio de sua literatura, nos mostra esses *níveis de permissão* e narra as dores, os traumas e as memórias vividas a partir dessas *permissões* proporcionadas por hierarquias da supremacia branca, principalmente em se tratando de corpos negros.

O corpo negro permanece, transmutando-se em sinônimo de gente pobre, sinônimo de criminalidade e um ponto de inflamação nas políticas públicas. Pois não há discurso na economia, na educação, na moradia, na saúde, no entretenimento, no sistema criminal, nos programas de assistência, nas políticas trabalhistas – em quase nenhum dos debates nacionais que continuam a nos assombrar – em que o corpo negro não seja o elefante na sala; o fantasma na máquina; o alvo, se não o tópico, das negociações (MORRISON, 2020, p. 107).

Esse corpo negro em negociação ainda mostra como os negros têm uma liberdade negociada e administrada por um poder público que costuma delimitar suas necessidades e criar espaços sociais destrutivos, sufocantes e raciais.

Por exemplo, no que se refere às perspectivas do século XX, denominava-se não somente formas de percepção do mundo e do ser humano privilegiado, mas de seres que estavam condicionados a uma vida narrada por *outros* sobre o olhar de *outros*, bem como modos de agir e de reagir diante de várias temáticas exploradas por Morrison no decorrer de sua vida literária. A questão maior, porém, enfrentada pelo pesquisador dessa literatura envolve a própria concepção do que seja uma obra de arte escrita por uma mulher negra sobre outros corpos negros e o entendimento de que ela tem propriedade para falar de seus ancestrais, de modo a eternizar a vida negra através de sua escrita.

A obra de Morrison engrandece na medida em que ela propõe ao leitor viver suas narrativas dentro de um espaço literário contemporâneo da diáspora negra americana e nos mostra, mediante seu lirismo, como devemos observar as vivências de um povo que teve sua história sequestrada. É preciso ter em mente, ainda, as questões que se tornam necessárias aqui e o fato de a literatura de Morrison nos fazer (re)pensar a história de uma república americana que foi construída pela perspectiva histórica do branco e que fantasiou a história dos corpos negros.

Não somente pensando em narrativas sob o viés do corpo negro, mas pensando nas narrativas da autora sob o olhar da mulher, já que é nosso objeto de estudo aqui, devemos ter cautela para compreender como as representações femininas surgem e são apresentadas ao

leitor. Em razão disso, nos interessa mergulhar nas narrativas de Morrison e compreender como se deu essa construção.

As questões de gênero e raça ainda são constantes e necessitam ser incansavelmente analisadas nas obras literárias que abarquem essas necessidades e que nos questionem a cada leitura. Tendo em mente um aspecto mais abrangente o qual os estudos feministas possam possibilitar e abarcar a partir de uma interseccionalidade o cruzamento das questões de gênero, raça e classe, como assinala Hall (2015), o feminismo dá luz às mulheres, à política sexual, aos gays e às lésbicas, às lutas raciais, aos negros, e assim por diante. A compreensão desse cenário de lutas e de problematizações, iniciadas a partir de nossa análise, tem os estudos feministas das mulheres negras como fundamentais e necessários, os quais têm sido ferramenta para a análise de tantas outras representações femininas encontradas em inúmeras obras descobertas globalmente. Estas contribuem para compreender o papel crucial dos afro-americanos na formação da cultura estadunidense e para dar visibilidade à literatura negra escrita por mulheres negras, numa tentativa de trabalhar o apagamento ancestral causado pelo genocídio, pela escravidão e pela distorção da memória cultural.

Concebemos a ideia de que não estamos apenas analisando representações literárias, mas representações reais a partir de personagens fictícios. Ambas as obras de Morrison podem nos fornecer mais elucidações sobre aspectos de gênero e de etnia, dos quais a autora se apropria e narra com tanto poder.

É substancial compreendermos que, ao falarmos de duas obras como *Compaixão* e *Voltar para casa*, estamos diante de algumas representações que se tornam de grande interesse analítico para nós — questões das mulheres afro-americanas, traços e influências das raças e racismo, sob as lentes das teorias pós-coloniais. Morrison também se utiliza de fatos históricos para desenvolver suas narrativas e constrói elucidações necessárias para seu leitor se situar nos períodos nos quais suas obras se montam.

Essa literatura contemporânea da diáspora negra nos faz viver em vários outros tempos e nos chama para a descoberta de novas possibilidades que, talvez, anos atrás, não fossem exploradas como o são em nossa contemporaneidade, e a literatura morrisoniana está inserida nesse processo.

A sociedade parece ter tornado incertas as identidades sociais, culturais, sexuais, ao ponto de observarmos mudanças aparentemente significativas e nos permitirmos lembrar que cada indivíduo detém suas especificidades e suas motivações, as quais os fazem querer reivindicar algo. A literatura de autoria feminina, por exemplo, abarca, desde os primórdios,

muitas reivindicações e dissemina a noção de construção de genealogias, que narram as lutas das mulheres e a necessidade do desmonte das hierarquias de gênero.

A ficção de Morrison narra a criação de comunidades e sua destruição, também reescreve, em um nível de relato, a relação entre a “modernidade e pós-modernidade como uma crise vivida individual e coletivamente — uma crise baseada na escravidão, no racismo e sexismo, nas fracções de classe e gênero” (WALTER, 2009, p. 152).

As narrativas que a autora escreve são permeadas por questões profundas e delicadas da sociedade descrita. Existem várias crises sociais causadas por diversas questões sociais, e as obras de Toni Morrison estão atentas a essas crises, que foram narradas em sua literatura. Em 2008, foi publicada *Compaixão*, que lança um olhar para a história da colonização anglo-saxônica do século XVII, para narrar, por meio dos traumas, a vida de Florens, que ainda menina é oferecida pela mãe escrava, no lugar de seu irmão menor, para o pagamento de uma dívida do dono da plantação. Contudo, a partir dessa trama introdutória da narrativa de Florens, a autora vai elucidando a jornada da personagem e sua relação com as outras personagens femininas e como essas experiências vividas influenciaram a vida dessa menina negra.

Já em *Voltar para casa*, a jornada empreendida pelo protagonista Frank Money para voltar para casa em Lotus, na Geórgia, foi construída com muitos obstáculos, mas o sentimento de alienação de Frank é exacerbado por algumas memórias odiosas da infância, sua participação na Guerra da Coréia, suas dolorosas perdas nesse evento, o fracasso em apoiar a mulher que ama e o racismo que ainda experimenta nos EUA da década de 1950.

Durantes seus longos anos criando narrativas fortes, Morrison trabalhou as consequências da escravização na psique dos africanos, afrodescendentes e brancos quanto às inúmeras formas de discriminação pós-abolição. Nesse processo,

Ela não justifica nem absolve as atitudes e comportamentos de suas personagens, mas humaniza-os, mostrando que é bom para um pode ser mau para o outro; ou seja tudo é relativo e implica diversas verdades. Assim, o que para Jacob Vaark é uma atitude perversa, para a mãe de Florens é uma necessidade (WALTER, 2009, p. 166).

Portanto, Toni Morrison busca problematizar, em suas narrativas, os agentes livres que escolheram seus destinos e suas ações. Também intenciona mostrar aqueles que foram traumatizados por deslocamentos forçados e os múltiplos atos violentos causados por sistemas desenvolvidos por uma hierarquia racial branca, que privilegia uma brancura transcendente.

3.2 AFRO-AMERICANOS: A DIFÍCIL MISSÃO DE TRADUZIR A DOR DO OUTRO

As lutas diárias contra o racismo são bem mais dolorosas e exaustivas porque parecem ser mais difíceis de surtir um efeito imediato e considerável. Os EUA aboliram a escravidão em meados de 1863, porém os resquícios de uma sociedade segregada infelizmente ainda são visíveis em 2020, uma vez que o país está inserido em um contexto do racismo estrutural. Compreendemos o racismo estrutural⁵ como extrema forma de violência e exclusão institucional, ou seja, é a concretização de um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais numa sociedade que frequentemente coloca um grupo social ou étnico em uma posição socialmente melhor. O branco não gosta de falar sobre racismo, pois não acredita que dissemina constantemente práticas racistas.

Um mundo livre dos racismos seria ideal, mas ainda parece utópico, já que o mundo muda constantemente. No entanto, as questões de raça ainda são um tabu. É essencial que construamos futuros possíveis para todos. É nesse ponto que Toni Morrison se mostra essencial. A autora cria futuros possíveis nos quais o negro deixa de ser antagonista e se mostra personagem principal de suas narrativas. As questões de raça são essenciais em sua obra, focalizando a experiência dos afro-americanos e revelando aspectos de sua diáspora em diferentes contextos históricos dos EUA.

Morrison engaja-se em sua literatura para dar voz a seus personagens e para construir processos de resistência e de responsabilidade através de seus textos de ficção. Ela o faz pensando nesses corpos aos quais foram negados vários direitos e que tiveram suas vidas sob a subalternização. É importante elucidar que Spivak (2010) define os subalternos como aqueles que não têm voz nem acesso ao discurso próprio e a seus veículos. Isto é, os subalternos não podem falar por si, pois não seriam subalternos se falassem.

A vida nos EUA nunca foi fácil e parece estar longe de ser, visto que a segregação racial, ainda que criminosa, está enrustida na sociedade e dificilmente cessará por completo algum dia:

Nos anos 1890, um novo sistema de subordinação racial nasceu nos Estados Unidos a partir do Sul ex-escravista. Nessa região do país, os negros acabaram perdendo o direito de voto, entre outros direitos conquistados, e foram socialmente segregados. Negros e brancos não podiam mais “se misturar” ou conviver nos espaços públicos.

⁵ A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Porém o uso do termo “estrutura” não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis; ou, ainda, que indivíduos que cometam atos discriminatórios não devam ser pessoalmente responsabilizados (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Escolas, serviços públicos e lojas reservavam aos negros instalações separadas, assinaladas por placas bem visíveis afixadas em locais como bebedouros, salas de espera, restaurantes e ônibus, diferenciando “pessoas de cor” e “brancos”. Negros também não podiam frequentar diversos parques e praias ou ser atendidos em vários hospitais. A terrível situação dos negros no Sul, com o aval das autoridades locais e leis específicas, foi reforçada pela violência dos linchamentos. Para manter a supremacia branca, racistas, frequentemente com a colaboração da polícia e políticos, espancavam, enforcavam ou queimavam os negros suspeitos de crimes, os “atrevidos” ou os que tinham, de algum modo, protestado contra a opressão. Entre 1889 e 1903, na média, dois negros eram linchados por semana nos estados do Sul (KARNAL, 2007, p. 181).

É na história oficial que nós procuramos resquícios dessa jornada de dor e resistência. Assim,

O crescimento deste país nos séculos XVI, XVII e XVIII, à custa do trabalho escravo, é complicado e excepcional. Excepcional pela duração e pela natureza escravagista; complexo pela relação intricada com o desenvolvimento cultural, econômico e intelectual da nação. É isso que deve ser lembrado (MORRISON, 2020, p.108).

A cultura negra ainda sofre no decorrer da história, no entanto mostra resistência e compreende sua necessidade de lutar por sua liberdade. Morrison mostra que

A cultura afro-americana existe, e embora esteja cada vez mais evidente como ela respondeu a cultura ocidental, as instâncias e os meios pelos quais ela moldou a cultura ocidental são apenas precariamente reconhecidos e compreendidos (2020, p. 217-218).

Em função disso, se faz necessário não apenas falar da história, mas questionar, problematizar e construir novos caminhos para essas exaustivas jornadas. Essa literatura dos subalternos dá luz a aspectos mais chocantes ligados ao crime, à violência, a fissuras culturais, a traumas, bem como inclui histórias de interesse humano nessa realidade à margem da sociedade. As experiências desenvolvidas nesses textos não são lidas como expressões de uma identidade autoral e individual:

Suspeito que minha dependência da memória enquanto ignição confiável é mais ansiosa do que é para maioria dos escritores de ficção – não porque escrevo (ou quero escrever) em termos autobiográficos, mas porque estou bastante alerta ao fato que escrevo numa sociedade inteiramente racializada que pode debilitar e que de fato debilita a imaginação. Rótulos sobre centralidade, marginalização, minorias, gestos de culturas que se apropriam ou que são apropriadas, heranças literárias, pressões para tomadas de posição – tudo isso vem à tona quando sou lida ou criticada ou quando componho (MORRISON, 2020, p. 413).

Nascida tanto em uma comunidade afrodescendente quanto na sociedade norte-americana racializada, entendemos que Morrison lança luz sobre a invisibilidade dos que não

têm direito ao discurso, sendo possível, ainda, observar um *entre-lugar* significado pela mulher negra, uma dupla alienação baseada na raça e no gênero.

Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem. (RIBEIRO, 2017, p. 35).

As narrativas de Morrison incluem-se numa conjuntura de obras, desenvolvidas ao longo do último século, que defenderam de forma eficiente a natureza que não se pode apagar do racismo branco. Descrições de diferenças culturais, raciais e físicas denotam uma *Outremização*, e essa origem do *Outro*⁶ forma fronteiras raciais nas quais a sociedade cria imagens destinadas a sustentar hierarquizações e dominação. Essa tendência julga o *Outro* como inimigo, como seres vulneráveis que necessitam ser controlados. Todavia, Morrison (2020, p. 225) explica que “somos os sujeitos de nossa própria narrativa, testemunhas e participantes de nossa própria existência e, não por acaso, na experiência daqueles com quem entramos em contato. Não somos os ‘outros’.

Considerando as estruturas de poder, podemos refletir sobre o objetivo do discurso colonial em apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados, com base na origem racial, de modo a justificar suas conquistas. Segundo Bhabha (1998, p. 111),

Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização, e assim por diante), estou me referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma “nação sujeita”, apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade.

Consequentemente, apesar desse *jogo* no sistema colonial, que é crucial para seu exercício de poder, o discurso colonial origina uma realidade social que é, ao mesmo tempo, um *outro*, e, ainda assim, inteiramente apreensível e visível. As locuções da colonização nos remetem ao *insight* de Toni Morrison sobre o *caos* que aflige o significado das narrativas psíquicas e históricas em sociedades racializadas.

Um *entre-tempo* quando falamos da humanidade através de suas diferenciações — gênero, raça, classe —, que marcam uma marginalidade excessiva ao pontuarmos a

⁶ Spivak defende que “o Sujeito *européu* de construir o *Outro* como sendo o marginal ao etnocentrismo e localize esse como sendo o problema de todos os esforços logocêntricos e, por conseguinte, também de todos os gramatológicos [...] Não é um problema geral, mas um problema *européu*” (2010, p. 82).

modernidade, é o emergir daquilo que coloca o progresso face a face com algumas questões sem respostas e sugere algumas respostas próprias. Os debates sobre as lutas humanitárias e dos subalternos podem ser vistos a partir dos anos recentes, os quais nós, sujeitos modernos, estamos vivendo.

As questões e interesses políticos e econômicos estão cada vez mais em embate no contraponto com as *questões menores* consideradas por alguns grupos sociais, os quais persistem em desconsiderar e problematizar aspectos que englobam gênero, raça, corpo, classes, imigrantes, construção indenitária, marginalidades e até mesmo a natureza, já que esse debate sobre a *biota* é tão recente e relevante. No entanto, pensando nisso, podemos voltar para a obra de Morrison e observar que a autora se preocupa com vários desses temas tão urgentes. Destacamos o que explica Walter (2009, p. 168):

Os personagens de Morrison movem-se suspensos entre o embrulho em redes de normas convencionais e voos de recriação individual e coletiva mais aventureiros; entre mundos e cosmovisões materiais e espirituais; entre limites entra e interculturais que separam e unem cores, raças, etnicidades, classes e gêneros; entre lares e mares sem abrigo: uma viagem sem fim entre “a subida e a imersão” em busca de um *home*.

A literatura pode contar e recontar narrativas dos subalternos, sejam lá quais forem esses grupos e as ações e condições às quais eles estão expostos. Desse modo, Morrison conta histórias de vidas cujo protagonismo de suas vivências lhes foi negado. Os processos de conscientização e elucidação são absolutamente necessários para criar entendimentos que nos mostrem a rebelião do povo negro contra sua posição subjugada.

3.3 AS INCURÁVEIS FERIDAS DAS MULHERES

Abordar questões de gênero na narrativa é uma atitude política que, aparentemente, privilegia o feminino. No entanto, a narração dessas histórias que focalizam personagens femininas nos faz questionar e problematizar certos *vícios violentos*, os quais ainda permeiam o imaginário social e *aprisionam* o corpo feminino a vários conceitos de inferioridade em detrimento do conceito de *masculinidade*. Acerca disso, Morrison (2020, p. 127) enfatiza que “o conceito de masculinidade ainda conota aventura, integridade, intelecto, liberdade e, acima de tudo, poder”.

Já que estamos utilizando a literatura como objeto de estudo, consideramos importante observar, especificamente nos textos literários de Morrison, como funcionam os posicionamentos sexistas, a ponto de problematizar elementos ligados à subalternização, à

violência e à exclusão, as quais passam a construir determinados posicionamentos que ferem a real representação feminina. Entretanto, devemos focar os posicionamentos que a literatura nos proporciona enquanto ambiente de leitura, uma vez que o texto literário recria processos que nos mostram uma simbolização cultural baseada na história oficial dos sujeitos.

Caminhos tortuosos do racismo e do patriarcalismo mostram que as mulheres negras tornam-se objetos de desejo e de rejeição pelo olhar racista, misógino e sexista, o que consiste num processo doloroso e que causa batalhas diárias contra esses vícios provenientes de um passado que respinga num ainda presente misógino e racista.

A literatura de autoria feminina, em algumas leituras, pode nos mostrar como certas narrativas nos dão esperança de uma leitura libertadora de um discurso opressor. Morrison (2020, p. 128) ressalta que “cada cultura sexista tem sua própria conformação sociogenital, e nos Estados Unidos a conformação é racismo e hierarquia de classe. Quando ambos forem decepados, a supremacia masculina colapsará, e o mar de contendidas entre as mulheres secará”.

Sabemos que, no feminismo, existem questões particulares relacionadas às mulheres brancas, negras, indígenas, transexuais, asiáticas, dentre outras. Contudo, como aponta Nigro (2010, p. 155),

Tornou-se lugar comum associar as escritoras em defesa da mulher negra na sociedade patriarcal branca/negra apenas pelo fato de serem negras. No entanto, algumas escolhas das personagens femininas revelam que, em termos de política, discute-se o lugar da mulher, nunca lhe negando a condição de ser humano. A mulher discute o seu lugar, considerando os processos de vítima e vitimização por que passam, todos os dias, ela própria e os demais que não tem voz.

Assim, é pensando nesses lugares (negados), processos (vítima e vitimização) e vozes (silenciadas) que, analisando a literatura de Toni Morrison, observaremos a reprodução, em suas personagens, das angústias relacionadas ao pertencimento, comuns a todas as mulheres em busca de seu lugar. Nesse sentido, é possível notar que o sofrimento pessoal de cada personagem feminina se torna sofrimento de todas as quais um dia foram vitimizadas.

Ao analisarmos mudanças, notamos a tendência, numa leitura contemporânea, de representações femininas que procuram colaborar com a desconstrução de representações ocidentais estereotipadas das mulheres americana. Todavia, os discursos de gênero ainda estão arraigados em conceitos antepassados, e isso continua ferindo o imaginário comum e criando problemas para um leitor descuidado, visto que ainda observamos textos nos quais a mulher, infelizmente, é vista como subalterna. Quando falamos em grupos subalternos, relacionamos

esses grupos e pontuamos as *minorias*, não podemos nos esquecer das mulheres. A respeito da imagem da mulher e de sua subalternização, Spivak (2010, p. 66-67) destaca:

A relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação. A historiografia subalterna deve confrontar a impossibilidade de tais gestos. Restrita violência epistêmica do imperialismo nós dá uma alegoria imperfeita da violência geral que é a possibilidade de uma episteme [...] Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.

Ponderamos, assim, a criação de espaços de visibilidade para vozes marginalizadas pela literatura canônica como estratégia de contraposição à subalternidade à qual as personagens femininas foram submetidas. Pensamos, portanto, na problematização levantada por Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?*, ao questionar a possibilidade de fala das mulheres enquanto sujeitos subalternos. Morrison desenvolve um trabalho que reivindica o respeito ao ser humano sem discriminação, exclusão e opressão.

Além disso, Morrison escreve na contemporaneidade que o sofrimento, os traumas e as violências fazem parte da vida de cada um. Não é apenas do sofrimento racista que a autora fala, mas de que maneira este sofrimento atinge e se transforma na vida de seus *sujeitos*, permitindo, individualmente, que seu leitor retrate e imagine aquela comunidade criada a ponto de se questionar. Morrison faleceu em 2019, mas deixou um legado que vai perpetuar por muito tempo, pois sua literatura retrata sofrimentos reais e constantes e nos faz repensar estruturas cômodas nas quais vivemos e que necessitam ser redesenhadas sob a perspectiva de um olhar, no mínimo, antirracista e antissexista.

4 A LEITURA DA MULHER NEGRA: A DIFÍCIL TAREFA DE SARAR A FERIDA NA HISTÓRIA AFRO-AMERICANA

Compreendemos que as mulheres ainda passam por processos violentos. No entanto, quando falamos da mulher negra, esses processos tomam proporções mais severas. Na América Latina, a violação colonial foi imposta pelos *homens brancos* (representação do poder colonial), negros e indígenas a mulheres negras e indígenas. A causa da miscigenação impulsionou processos massivamente dolorosos e firmou-se na origem das construções de uma identidade nacional:

O vínculo dos índios americanos com a terra, com as religiões locais e com a natureza sobreviveu à perseguição devido principalmente à luta das mulheres, proporcionando uma fonte de resistência anticolonial e anticapitalista durante mais de quinhentos anos. Isso é extremamente importante para nós no momento em que assistimos a um novo assalto aos recursos e às formas de existência das populações indígenas. Devemos repensar a maneira como os conquistadores se esforçaram para dominar aqueles a quem colonizavam, e repensar também o que permitiu aos povos originários subverter este plano e, contra a destruição de seu universo social e físico, criar uma nova realidade histórica (FEDERICI, 2017, p. 382).

A mulher negra, para a qual não existe qualquer *outro* institucionalizado como objeto de exploração, discriminação e opressão, constrói uma experiência vivida que desafia diretamente a estrutura social vigente e sua ideologia sexista, racista e classista. Essa experiência vivida é capaz de moldar nossa consciência de modo a nos diferenciar daqueles que gozam de privilégios, ainda que relativos, no sistema vigente. Hooks (2019, p. 46) destaca:

É essencial à continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam as vantagens advindas de nossa marginalidade e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia do racismo, do sexismo e do classicismo, de modo a vislumbrar e criar uma contra-hegemonia.

Essa violência racista, sexista e classista resulta na repressão do papel da mulher negra na formação da cultura nacional. A desigualdade entre homens e mulheres é vista em vários contextos sociais. O que poderia ser considerado como uma história ou uma memória do período colonial mantém-se vivo no imaginário social e adquire novos caminhos e funções em uma ordem social hipocritamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero, cor da pele e de raça instituídas no período da escravidão.

As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que foram e que ainda são invisibilizadas e retratadas como *antimusas* da sociedade americana, em virtude de o

modelo estético de mulher ser o da mulher branca. Originárias de uma cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratadas como coisa primitiva, as mulheres negras estão condicionadas também a ser um ser invisível na cultura americana. Se o feminismo deve liberar as mulheres e proporcionar lutas contra as opressões, deve também enfrentar virtualmente todas as formas de opressão contra qualquer mulher. No entanto, Bell Hooks (2019, p. 39-40) pontua que,

Para as mulheres negras, o foco das feministas brancas na questão da tirania masculina e na opressão da mulher soou como uma “nova” revelação, mas elas também perceberam que esse foco tinha pouco impacto em suas vidas. Viram como mais um indicativo das condições privilegiadas em que vivem as mulheres de classe média e alta crença de que, como mulheres, precisavam de “uma teoria para explicar que eram oprimidas”.

A partir desse ponto de vista, é possível afirmar que um feminismo negro construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas — como são as sociedades americanas — tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero dominador em nossas sociedades.

Como grupo, as mulheres negras estão numa posição peculiar na sociedade, não apenas porque, em termos coletivos, estamos na base da pirâmide ocupacional, mas também porque nosso *status* social é inferior ao de qualquer outro grupo. Isso significa que carregamos o fardo da opressão sexista, racista e de classe. Ao mesmo tempo, somos um grupo que não foi instituído socialmente para assumir o papel de explorador/opressor, na medida em que não nos foi concebido nenhum “outro” institucionalizado que pudéssemos explorar ou oprimir (crianças não representam “um outro” institucionalizado, ainda que possam ser oprimidas pelos pais e mães) (HOOKS, 2019, p. 45-46).

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares a esse sistema de opressão, como é o caso do racismo⁷. O racismo é determinante no processo de opressão, discriminação, exclusão, inferioridade social e hostilidade contra grupos raciais distintos. Aqui, estamos

⁷ “Os termos ‘racista’ e ‘racismo’ foram criados recentemente, em finais do século XIX, início do XX, para designar aqueles que promoviam a teoria racial combinada com hierarquia de raças. A divisão da humanidade em grupos de descendência que supostamente partilhavam os mesmos traços físicos e mentais foi reduzida para se enquadrar em contextos políticos específicos, com tais grupos dispostos numa relação de superioridade e inferioridade [...] Os antônimos ‘antirracista’ e ‘antirracismo’ foram cunhados nas décadas de 1930 e 1950, respectivamente, para manifestar o protesto político contra os preconceitos, a discriminação e a segregação raciais” (BETHENCOURT, 2018, p. 28).

falando principalmente das mulheres negras, operando, ademais, como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios instituídos para as mulheres brancas.

Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista. Em 1984, Hooks publicava, nos Estados Unidos, *Teoria Feminista: Da margem ao centro (Feminist Theory: From Margin to Center)*, obra que, apesar do ano em que foi escrita, elucida bem a condição das mulheres na América.

Nos Estados Unidos, muitas mulheres acham que o feminismo, ou a “libertação das mulheres”, como se diz com mais frequência, é um movimento que tem por objetivo tornar as mulheres socialmente iguais aos homens. Essa definição genérica, difundida pela mídia e pela linha oficial do movimento, levanta algumas questões problemáticas. Se os homens não são iguais entre si dentro da estrutura de classe patriarcal, capitalista e de supremacia branca, com quais homens as mulheres querem se igualar? O que está implícito nessa definição simplista de libertação feminina é a desconsideração de raça e classe como fatores que, juntamente com o sexismo, determinam a forma de e a intensidade com que os indivíduos serão discriminados, explorados e oprimidos. Mulheres brancas e burguesas interessadas nos direitos das mulheres se contentam com esse tipo de definição por razões óbvias. Apropriar-se retoricamente do discurso das mulheres oprimidas, colocando-se no mesmo patamar social que elas, é um ardil para camuflar seus privilégios de raça e classe (HOOKS, 2019, p. 48).

São indissociáveis as questões referentes a gênero e raça quando colocamos na discussão as mulheres negras. Por isso, é importante pensarmos nas lutas antirracistas, para a qual nós devemos atentar no que tange à pauta racial na sociedade norte e latino-americana, buscando, nos períodos históricos, algumas definições para ilustrar as problemáticas de raça e racismos de determinados períodos. Diante disso, expõe Bethencourt (2018, p. 28):

Nas décadas de 1920 e 1930, os termos “racista” e “racismo” assumiram o sentido de hostilidade contra grupos raciais. Essas inovações linguísticas refletiam as políticas de segregação no Sul dos Estados Unidos e o desenvolvimento na Europa, de movimentos nacionalistas baseados em teorias raciais.

É necessário observar que a história americana nos recorda da cruel hospitalidade do país norte-americano, no qual, inevitavelmente, as questões raciais remontam a uma história assustadora para os cidadãos negros nos Estados Unidos. É necessário criar uma consciência individual e coletiva para a difícil tarefa de sarar a ferida da história afro-americana.

4.1 AS REPRESENTAÇÕES E OS TRAUMAS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NAS OBRAS *VOLTAR PARA CASA* E *COMPAIXÃO*

Entendemos que as experiências e reivindicações das mulheres negras eram inobservadas tanto pelos movimentos do feminismo branco quanto pelo antirracista, o qual parecia mais atento nos homens negros. Hooks (2019, p. 45-46) explicita:

Mulheres brancas e homens negros dispõem de dois caminhos. Podem agir como opressores e podem ser oprimidos. Homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo os autoriza a agir como exploradores e opressores de mulheres. Mulheres brancas podem ser vitimadas pelo sexismo, mas o racismo lhes faculta agir como exploradoras e opressoras de pessoas negras. Ambos os grupos têm instituído movimentos de libertação que favorecem seus interesses e dão suporte à opressão continuada de outros grupos. O sexismo dos homens negros tem minado a luta pela erradicação do racismo, da mesma forma que o racismo das mulheres brancas tem minado a luta feminista. Enquanto a igualdade almejada por esses dois grupos ou qualquer que conceber a libertação como conquista da igualdade da igualdade social como homens brancos da classe dominante, eles continuarão exercendo opressão e exploração sobre terceiros.

O racismo estrutural fomentado pelo sistema colonialista moderno insiste e persiste em camuflar os racismos e as opressões diárias contra mulheres e homens negros na tentativa de manter uma hierarquização racial. Em meados do século XVIII, a colonização fazia parte da história norte-americana, que vivenciava embates raciais, étnicos e religiosos, o que deu lugar às construções futuras de processos de discriminação, de ódio e de opressão.

Tendo em vista em ações discriminatórias contra os negros durante a história norte-americana, podemos observar a narrativa de Ycidra Money, que possui passagens narrativas carregadas de traumas pessoais: este seria um meio possível de definir *Voltar para casa*. Podemos afirmar que as personagens carregam memórias referentes a abandonos e a separações traumatizantes, em que:

Memórias traumáticas perturbadoras frequentemente perturbam o fluxo de pensamento de Frank, mas eles não perturbam o tempo geral do romance progressão. Em vez disso, os flashbacks, como sintomas da profunda traumatização de Frank, ocorrem com menos frequência e menos invasiva à medida que o processo terapêutico de narrar continua reforçando a ideia de uma progressão narrativa em direção ao fechamento. A narrativa de trauma de Frank em *Home* envolve completamente a história de escravidão, privação de direitos e privação de liberdade e opressão e discriminação dos afro-americanos. Como outras obras de Morrison, apresenta essa história como a busca de um lugar de aceitação e segurança, de pertencimento e expõe sua obstrução e interrupção por leis, regulamentos e preconceitos raciais. Na visão de

Morrison, escravidão e colonização são grandes traumas da história, semelhante ao holocausto (VISSER, 2014, p. 6, tradução nossa)⁸.

A obra mencionada narra a vida de dois irmãos que vivem suas próprias jornadas e que são conduzidos de volta para suas casas. Contudo, a difícil batalha por sobrevivência que os dois irmãos enfrentam torna uma tarefa que poderia ser simples em algo muito mais complicado, no sentido de que voltar para casa também é mexer em coisas do passado, enterradas há muito tempo.

Voltar para casa narra a história de Frank Money, um veterano de guerra afro-americano que exibe sintomas claros de estresse pós-traumático e que precisa retornar à sua cidade natal, na Geórgia, para salvar sua irmã mais nova, Ycidra — ou apenas Ci. Um ano depois de ter sido dispensado do exército, Frank é levado a uma existência desorientada e quase vazia em Seattle, torturada por horríveis flashbacks e horríveis alucinações de suas experiências na Coreia. Em seguida, ele recebe uma carta de um amigo de sua irmã dizendo-lhe: “Venha depressa. Ela vai morrer se você demorar” (MORRISON, 2016, p. 12). Sua responsabilidade é cuidar de sua irmã, que agora é sua única família. No entanto, a jornada de Frank pelo país está longe de ser o tipo de *experiência de reconexão*, e ele precisa se recuperar dos vários traumas de que sofre.

No caso de Frank Money, logo se percebe que o rapaz foi vítima de algumas experiências odiosas de infância, choques de guerra e humilhações raciais que ele reprimiu há muito tempo e que produzem esse tipo de brecha em sua mente. Frank precisa resgatar sua irmã e acalmar muitos de seus próprios demônios até o final da jornada.

Talvez o único vislumbre de esperança ou possível ponto de partida para o processo de luto seja encontrado no relacionamento íntimo de Frank e no forte senso de responsabilidade para com sua irmã. Ci permaneceu uma referência e um padrão com o qual todas as outras mulheres em sua vida são comparadas. Logo após uma de suas visões perturbadoras – curiosamente, uma que questiona sua masculinidade (IBARROLA, 2014, p. 114, tradução nossa⁹).

⁸ “Disturbing traumatic memories frequently disrupt the flow of Frank’s thinking, but they do not disrupt the novel’s overall temporal progression. Instead, the flashbacks, as symptoms of Frank’s profound traumatization, occur less frequently and less intrusively as the therapeutic process of narrating continues, reinforcing the idea of a narrative progression towards closure. Frank’s trauma narrative in *Home* fully engages African Americans’ history of enslavement, disenfranchisement, and continuing oppression and discrimination. Like Morrison’s other works, it presents this history as the search for a place of acceptance and safety, for belonging, and exposes its obstruction and disruption by laws, regulations and racial prejudice. In Morrison’s view, slavery and colonization are major traumas of history, similar to the holocaust” (VISSER, 2014, p. 6).

⁹ “Perhaps the single glimpse of hope or potential point of departure for the mourning process is to be found in Frank’s close relationship and strong sense of responsibility toward his sister. Cee has remained a reference and a standard to which all other women in his life are compared. Right after one of his disturbing visions – interestingly, one that questions his manhood” (IBARROLA, 2014, p. 114).

Frank se pergunta se a doença de sua irmã e seu pedido de ajuda não são um sinal, e “quem sabe sua vida tivesse sido preservada para Ci, o que era justo, uma vez que ela fora seu primeiro encargo, uma abnegação sem ganho nem lucro emocional. Antes mesmo de ela saber andar, ele é quem tinha cuidado dela” (MORRISON, 2016, p. 34-35). É um amor altruísta que Frank Money professa por Ycidra e que o ajuda a se dedicar à sua nova jornada e começar a ganhar controle sobre as imagens de memória que o aterrorizam.

Há um lirismo e mistério em cada personagem e na forma como o livro é narrado, que intercala uma narração em terceira pessoa com uma em primeira pessoa, como uma carta entre os irmãos Frank e Ci, que possuem histórias paralelas. Apesar disso, eles precisam de um reencontro, um retorno para a casa, como forma de fugir da realidade difícil em que vivem.

A história, como um todo, é de sobrevivência. Frank sobrevive à guerra e tenta não ser enquadrado pela polícia todos os dias:

O Exército não o trataria tão mal. Não era culpa deles que ele pirasse de vez em quando. Na verdade, os médicos da dispensa tinham sido solícitos, bondosos, disseram que a loucura ia acabar passando. Eles sabiam tudo a respeito do que tinham acontecido, mas garantiram que ia passar (MORRISON, 2016, p. 21).

Voltando a falar de Ycidra, vemos que ela sobrevive ao marido. Com menos de quinze anos, a garota se casou e foi embora com Prince. No entanto, este a abandonou. A personagem também precisou encarar a cidade, tendo dois empregos (primeiro no Bobby’s e, posteriormente, com o Dr. Beau) que não a pagavam bem. Ycidra teve uma jornada complicada, literalmente: “Quando Prince a deixou por sua própria conta, Ci alugou um quarto mais barato numa rua sossegada, um quarto com facilidades de cozinha e de uso de uma banheira” (MORRISON, 2016, p. 47). Dessa maneira, a irmã de Frank Money ficou com marcas profundas por causa das situações difíceis que teve de enfrentar.

Ela foi rotulada por Lenore, sua avó, como uma “filha da sarjeta”, pois Lenore acreditava que:

Mulheres decentes, ela dizia, davam a luz em casa, numa cama, assistidas por boas mulheres cristãs que sabiam o que fazer. Embora só mulheres de rua, prostitutas, fossem para hospitais quando ficavam grávidas, pelo menos tinha um teto sobre a cabeça quando chegava o bebê. Nascer na rua – ou na sarjeta, como ela sempre dizia – era prelúdio de uma vida pecaminosa, imprestável (MORRISON, 2016, p. 42).

Lenore se achava superior a todo mundo em Lotus e escolheu direcionar seus ressentimentos à menina Ycidra, nascida “na rua”. Faz-se necessário acrescentar que ao

decorrer da relação entre Lenore e Ycidra fica evidente que a avó não deseja desenvolver função maternal ou afetiva com Ycidra, ela somente quer cuidar de sua própria vida. É importante conhecer a família dos irmãos e a relação que eles tinham com os pais, que evidencia uma vida difícil desde a infância, sendo amenizada pelo amor entre os irmãos. Esse elo é demonstrado na história no momento em que Frank fica sabendo que Ci está correndo perigo:

Chega de gente que eu não salvei. Chega de ficar olhando gente próxima de mim morrer. Chega. E a minha irmã não. De jeito nenhum. Ela foi a primeira pessoa por quem eu me responsabilizei. Lá no fundo dela vivia o meu retrato secreto de mim mesmo – um eu forte e bom atrelado à lembrança daqueles cavalos e do enterro de um estranho. Protegendo ela, procurando uma saída daquela grama alta pra longe daquele lugar, sem medo de nada – nem de cobras nem de velhos malucos. Eu me pergunto sem ter conseguido isso foi a semente enterrada de todo o resto. No meu coração de menino pequeno, eu me senti heroico e sabia que se descobrissem a gente ou tocassem nela, eu matava eles (MORRISON, 2016, p. 97-98).

Frank sempre foi um protetor de Ycidra, que se sentia fraca e indefesa. Porém, no final da narrativa, com a ajuda de Miss Ethel e de outras mulheres, ela vai em busca de sua identidade e sua força. Depois que Ci passou pelo processo violento com Dr. Beau e se recuperou, Miss Ethel, que a ajudou em sua reintegração, lhe disse:

Olhe para você. Você é livre. Nada nem ninguém é obrigado a te salvar, só você mesma. Plante a sua própria terra. Você é moça e mulher e as duas coisas têm serias limitações, mas você é uma pessoa também. Não deixe a Lenore ou um namoradinho qualquer e com toda certeza nenhum médico do mal resolver quem você é. Isso é escravidão. Em algum lugar aí dentro de você está essa pessoa livre que estou falando. Encontre ela e deixe ela fazer algum bem nesse mundo (MORRISON, 2016, p. 116-117).

A narrativa de Ycidra Money nos proporciona entendimento sobre uma personagem que sofre repressão não somente pela sociedade na qual se encontra, mas também por sua avó, Lenore, que a maltrata desde pequena:

Embora Lenore acreditasse que era apenas uma avó-madrasta exigente, não cruel. A menina não tinha jeito e precisava ser corrigida a cada minuto. As circunstâncias de seu nascimento não preconizavam nada de bom (MORRISON, 2016, p. 82).

Ci ainda vive um efêmero e abusivo relacionamento com Principal (ou Prince) e tem seu corpo usado por Dr. Beau.

Esse sistema de exploração é exercido por qualquer pessoa que ache que tenha direito de exercer poder sobre o *outro*, especialmente em se tratando do *outro* que historicamente já é violentado e hostilizado. Entretanto, é importante notar que a narrativa de Ycidra Money vai

além de seus traumas e de seu irmão protetor. Ci começa a trilhar um novo caminho em que somente ela pode decidir por si. Após ter sido curada com a ajuda de Miss Ethel e das outras mulheres de Lotus (mulheres do campo que adoravam humilhá-la a transformam): “as mulheres tratavam a doença como se fosse uma afronta, um invasor arrogante e ilegal que tinha de apanhar. Não perdiam seu tempo nem o do paciente com compaixão e enfrentavam as lágrimas do sofrimento com resignado desdém” (MORRISON, 2016, p. 112). Seu irmão passou por dias difíceis à espera de boas notícias da recuperação de sua irmã amada, mas, ao notar a melhora de sua irmã, Frank começou a perceber uma “nova” Ycidra:

Essa Ci não era a menina que tremia ao menor contato com a maldade do mundo real. Nem aquela que ainda com menos de quinze anos fugiu com o primeiro rapaz que pediu. E ela não era a ajudante que acreditava que o que acontecesse com ela enquanto estava drogada era uma boa ideia, boa porque o jaleco branco tinha dito que era. Frank não sabia o que ocorrera durante aquelas semanas na casa de Miss Ethel, a irmã cercada por mulheres com olhos que já viram de tudo. A baixa expectativa que tinham do mundo estava sempre visível. A devoção delas a Jesus e uma à outra as direcionava e posicionava muito acima do que a vida lhes dera. Entregavam para ele uma Ci que nunca mais ia precisar da mãe dele tapando seus olhos ou de seus braços para silenciar seus ossos murmurantes (MORRISON, 2016, p. 118).

Ela se questiona sobre sua própria vida e sobre como os resultados de suas experiências a levaram ao limiar de sua vida. Miss Ethel lhe falou: “seu útero não vai nunca gerar” (MORRISON, 2016, p. 118). Ycidra Money não sabia o que sentir diante de tudo o que estava passando: ela não sentia raiva do médico, mas sabia que se sentia enganada e ansiosa para agradar a quem lhe aparentasse ser boa pessoa. Ci punha a culpa de sua ingenuidade na falta de estudos, no entanto pensou melhor sobre isso quando se lembrou daquelas mulheres de Lotus que a curaram:

Algumas precisavam que alguém lesse os versículos da Bíblia para elas porque não conseguiam decifrar sozinhas as letras, então haviam desenvolvido habilidades dos iletrados: memória perfeita; mente fotográfica, agudo sentido de olfato e da audição. E sabiam curar o que um estudado médico bandido havia saqueado. Se não era falta de estudo, o que era então? (MORRISON, 2016, p. 119).

Ci começou a ponderar sobre como teria sido maltratada por Lenore, sempre superprotegida por seu irmão. Essa proteção, no entanto, não a poupou. Constatou, então, que as mulheres com quem teve contato em sua vida eram mulheres fortes, assim como Thelma, Sarah, Ida e as que lhe curaram. Ela queria ser a pessoa que nunca mais precisaria de socorro. Ela queria resgatar-se a si mesma. Seu irmão ainda estaria ali para ajudá-la no que fosse preciso, mas ela não necessitaria dele como antes.

No tocante à busca pela liberdade, em *Voltar para casa*, essa inter-relação entre os irmãos na busca de um refúgio está ligada à necessidade de se encontrarem e de compartilharem as dores e medos vividos por ambos. Nas narrativas de Morrison, o lar é onde existe um *libertar-se*, é a saída na qual o ser humano busca refúgio de uma sociedade esquizofrênica. Nossa casa não é necessariamente o local de onde viemos, mas o local com o qual nos identificamos e nos sentimos bem.

Morrison não se limita apenas a criar personalidades individuais fortes ou fracas, pessoas boas ou más, mas se mostra capaz de dar forma a uma pluralidade de figuras excepcionais, cada uma com uma história e com uma maneira muito particular, que inspira no leitor sentimentos de fascinação ou de repulsa.

Essa singularidade de cada personagem é perceptível, ainda, pelos diálogos, outro aspecto da obra da autora que é desenvolvido muito bem. É evidente que esse é um texto guiado pelas consequências de uma série de atos de violência racialmente motivados, de tal modo que os embates entre os personagens servem de base para a construção de um entendimento muito humano, bem particular, de cada um deles.

Em *Compaixão*, temos a situação em que Florens, uma menina negra escrava, é entregue ao fazendeiro Jacob Vaark como parte do pagamento de uma dívida. A trajetória narrativa de Florens é elaborada ao longo de seu crescimento ao lado de outras três mulheres, Lina, Rebekka e Sorrow, que ajudaram a construir e a contar sua trajetória.

É possível observar que o primeiro e o último capítulos são de extrema importância para entendermos os motivos do deslocamento da personagem Florens, causado por sua mãe ao oferecer a filha para protegê-la de um destino em que serviria apenas para aumentar o domínio de escravos dos senhores das fazendas, tornando-a alvo do tratamento diferenciado de Jacok Vaark.

Na narrativa da menina Florens, em *Compaixão*, notamos, de início, o deslocamento causado por sua mãe, que, ao final do livro, explica o motivo de haver entregado sua filha para o fazendeiro Jacok Vaark. A proteção de sua filha era prioridade naquele momento, e a melhor alternativa seria entregá-la, na esperança de que a menina tivesse um destino diferente do seu e do seu povo:

Uma chance, eu pensei. Não existe proteção mas tem uma diferença. Você ficou lá com aquele sapato, o homem alto riu e disse que levava eu para pagar a dívida. Eu sabia que o *Senhor* não ia deixar. Eu disse você. Levasse você, minha filha. Porque eu vi que o homem alto via você como uma criança humana, não como moeda. Ajoelhei na frente dele. À espera de um milagre. Ele disse sim. Não foi um milagre. Bendito seja Deus. Foi compaixão. Oferecida por um homem. Eu fiquei de joelhos.

No pó onde meu coração vai continuar toda noite e todo dia até você entender o que eu sei e quero dizer para você; impor domínio sobre outra pessoa é errado; dar domínio a si mesma para outro é uma coisa má. Ah Florens. Meu amor. Escute a sua mãe (MORRISON, 2009, p. 156).

É importante compreendermos o porquê de a mãe de Florens ser responsável pelo deslocamento de sua filha, o que essa opção acarretou na vida de sua cria e o que tudo isso gerou na vida dessa menina. Quem seria responsável pelo deslocamento dessa personagem ou de tantos outros que encontramos na obra de *Compaixão*: o processo de colonização e de dominação (de pessoas e terras) leva à fragmentação e à alienação (de pessoas e coisas) (WALTER, 2009).

A entrega de sua filha Florens para o então desconhecido Jacob Vaark nos faz entender que, para sua mãe, essa é uma opção necessária, já que ela só quer salvar sua filha dos avanços libidinosos dos homens da fazenda. A fuga desse destino se dá pelo conhecimento prévio, pela vivência e pela sabedoria de uma mulher que entende o comportamento dos homens nesse período escravista em que vive.

Após isso, Florens simplesmente foi viver na fazenda Vaark e teve sua vida iniciada sem a figura de sua mãe, crescendo ao lado da esposa de Jacok, Rebekka, de outra menina órfã negra, Sorrow, e de uma indígena, Lina. “O resultado desse ego fragmentado e alienado é desastroso: quando encontra o ferreiro se perde completamente, buscando construir seu ego na libido” (WALTER, 2009, p. 166).

Considerando a narrativa de Florens, torna-se impossível não pensar na conjuntura narrativa que Morrison construiu para além de sua personagem principal na obra, uma vez que as motivações e ações de seus outros personagens estão marcadas por exílios, por deslocamentos e pela violência. Estão sempre em busca da liberdade, mas, com a frustração da não concretização de seus anseios e desejos, tornam-se reféns de suas próprias alienações.

4.2 MATERNIDADE: A RELAÇÃO DAS PERSONAGENS/MÃES EM *COMPAIXÃO E VOLTAR PARA CASA*

As relações entre os sexos nas diferentes sociedades mostram, sobretudo, dicotomias no exercício dos papéis sociais, pautados, predominantemente, por um ponto de vista misógino e patriarcal, pelo qual o homem exerce domínio sobre as mulheres. Dentro da família burguesa, a mulher perdeu muito de seu poder, sendo, geralmente, excluída dos negócios familiares e confinada a supervisionar os cuidados domésticos.

Nesse contexto, são significativas as mudanças que se deram dentro da família, que começou a se separar da esfera pública, adquirindo suas conotações modernas enquanto principal centro para a reprodução da força de trabalho. Complemento do mercado, instrumento para a privatização das relações sociais e, sobretudo, para a propagação da disciplina capitalista e da dominação patriarcal, a família surgiu no período de acumulação primitiva também como a instituição mais importante para a apropriação e para o ocultamento do trabalho das mulheres (FEDERICI, 2017, p. 193).

Os discursos construídos sobre a atuação dos sujeitos nas sociedades ocidentais fundam-se numa ideia de que eles seriam naturais e universais, incapazes de dar conta das heterogeneidades e das variabilidades dos gêneros:

Dentro da comunidade trabalhadora do período de transição, já podemos ver o surgimento da divisão sexual do trabalho que seria típica da organização capitalista – embora as tarefas domésticas tenham sido reduzidas ao mínimo e as mulheres proletárias também tivessem que trabalhar para o mercado. Em seu cerne, havia uma crescente diferenciação entre o trabalho feminino e o masculino, à medida que as tarefas realizadas por mulheres e homens se tornavam mais diversificadas e, sobretudo, passavam a sustentar relações sociais diferentes. Por mais empobrecidos e destituídos de poder, os trabalhadores assalariados homens ainda podiam ser beneficiados pelo trabalho e pelos rendimentos de suas esposas, ou podiam comprar os serviços das prostitutas. Ao longo dessa primeira fase de proletarização, era a prostituta que realizava com maior frequência as funções de esposa para os trabalhadores homens, cozinhando e limpando para eles, além de servir-lhes sexualmente (FEDERICI, 2017, p. 197).

Diante da desvalorização do trabalho, da condição social feminina, da insubordinação das mulheres e dos métodos pelos quais puderam ser *domesticadas*, as mulheres não poderiam ter sido totalmente desvalorizadas enquanto trabalhadoras e privadas de toda sua autonomia com relação aos homens se não tivessem sido submetidas a um intenso processo de degradação social. De fato, ao longo dos séculos XVI e XVII, as mulheres perderam terreno em todas as áreas da vida social. Nesse período, é possível observar um constante declínio dos direitos das mulheres. Porém, apesar da capacidade de resistência, ainda se observa a permanência desses paradigmas totalizantes na contemporaneidade.

Tal perspectiva exige problematizar os processos históricos para que, então, possamos fazer as devidas mudanças e revoluções. Assim, seria possível discutir as dificuldades e identificar as configurações de práticas desiguais consolidadas através do tempo histórico e firmadas em narrativas ao longo dos séculos, mesmo após as transformações resultantes das lutas das mulheres, no decorrer dos séculos, em relação ao sistema de dominação masculina a partir de suas pluralidades de vivências. Desse modo, entende-se que:

A história do corpo feminino é também a história de uma dominação na qual os simples critérios da estética já são reveladores; a exigência tradicional por uma beleza sempre “pudica”, virginal e vigiada, impôs-se por muito tempo, antes que se afirmassem libertações decisivas repercutidas nas formas e nos perfis, movimentos mais aceitos, sorrisos mais expansivos, corpos mais desnudos. A história do corpo, em outras palavras, não poderia escapar à história dos modelos de gênero e das identidades (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008, p. 13).

Diante dessa dominação masculina sobre os corpos femininos, podemos pensar que as relações entre mães e filhos passaram por inúmeras transformações através dos tempos. Da mesma forma, a emancipação feminina. Percorreu-se um longo caminho: de uma visão centrada no corpo e na sexualidade à santidade da figura materna. Atualmente, as mulheres têm objetivos diversos que vão além da maternidade.

Para Rubin (1984), o núcleo da identidade materna reside nos conceitos do Eu-mãe e você-filho e como ambos se relacionam e se influenciam. Durante a gestação, a identidade da mãe é construída por meio de uma imagem idealizada de si como mãe; muitas vezes, essa idealização foi, e é, perigosa. No período pós-parto, a identidade materna implica mudança no relacionamento consigo e com filho, que passa de uma imagem idealizada para uma realidade concreta. Todavia, a identidade materna acarreta a construção de um relacionamento baseado em seu vínculo com o filho. Tem, ademais, um componente afetivo expresso pela empatia e pela responsabilidade materna em relação ao filho.

A mulher, quando experiência o processo da gestação, se identifica com uma identidade pressuposta de mãe, o que, posteriormente, como representação, será interiorizado e objetivado socialmente. Existe uma identidade pressuposta, que é reposta a cada momento. Nesse contexto, a maternidade é um fenômeno social e deixa de ser um desejo para tornar-se um dever da mulher de gerar filhos e de mostrar para a sociedade que ela está saudável e apta para criar uma família.

Quando ocorre a reposição da identidade pressuposta, através de rituais sociais, ou, ainda, a reposição das personagens estereotipadas, retirando-se o caráter de historicidade e gerando-se a identidade mito, tem-se o processo chamado de *mesmice* (CIAMPA, 1984).

No que concerne ao pós-parto, há um reforço do próprio meio social de identificá-la em seu papel de mãe, já que, agora, há a materialidade do filho, além das atividades relacionadas ao papel maternal que a mulher passa a assumir. Tais atividades podem ser apenas reposições dos papéis determinados pelo meio social ou manifestações criativas e singulares, diferentes daquelas estabelecidas, socialmente, para as mães.

Nesse sentido, Mercer (1981) propõe que a mulher, ao tornar-se mãe, vivencie, desde o início, os vários estágios na aquisição das tarefas e papéis maternos, incluindo as rígidas regras e diretrizes externas estabelecidas, até evoluir, finalmente, para a interpretação própria do papel

materno. Isso ocorre, igualmente, com o desenvolvimento de sua autoconfiança, de sua autonomia e da produção de um estilo próprio de atividade a ser desempenhada pela mãe.

Levando em conta os debates sobre valores familiares, surge um pensamento ideal tradicional da família imaginada, formada por meio de uma combinação de laços conjugais e sanguíneos: as famílias *normais* devem consistir em casais heterossexuais e racialmente homogêneos que produzem seus próprios filhos biológicos. Essas famílias devem ter uma estrutura de autoridade específica, a saber, um pai-chefe, que receba um salário familiar adequado, e uma esposa e mãe que fica em casa e com filhos. Ao idealizar um ambiente familiar tradicional como um refúgio privado do mundo público, a família é vista como um núcleo mantido através de laços emocionais primários de amor e carinho (COLLINS, 2000).

Nessa perspectiva, comprometendo-se com uma divisão sexual do trabalho relativamente *ideal*, seguida por preceitos masculinos, em que os papéis das mulheres são definidos principalmente no lar, com os homens no mundo público do trabalho, o ideal tradicional da família também assume a separação entre trabalho e família. Definido como um arranjo natural ou biológico baseado em atração heterossexual, em vez disso, esse tipo de família monolítica é realmente apoiado por políticas governamentais que prezam pela estrutura padrão da família.

Essa estrutura é organizada não em torno de um núcleo biológico, mas de um casamento heterossexual sancionado por estados que conferem legitimidade não apenas à estrutura familiar em si, e, em geral, tudo o que se pensa como ideal numa família tradicional as famílias afro-americanas não são. Dois elementos do ideal tradicional da família são especialmente problemáticos para as mulheres afro-americanas. Primeiro, a divisão assumida entre a esfera *pública* do emprego remunerado e a esfera *privada* das responsabilidades familiares não remuneradas nunca funcionou para as mulheres negras norte-americanas. Na escravidão, as mulheres negras dos EUA trabalhavam sem remuneração na esfera supostamente pública da agricultura do sul e tiveram a privacidade de sua família rotineiramente violada.

Em segundo lugar, o público/privado que separa as famílias do mercado de trabalho remunerado é fundamental para explicar a ideologia de gênero nos EUA. Em particular, as mulheres negras tornam-se menos *femininas*, pois trabalham fora de casa, de modo remunerado, competindo, portanto, com os homens. Seus trabalhos também as afastam dos filhos (COLLINS, 2000). Todavia, esse conceito de *menos feminina* é problemático a partir do momento em que se entende que essa ideia genérica de fragilidade e de feminilidade é uma construção dos homens para caracterizar as mulheres como seres inferiores que não deveriam prover sustento familiar por meio de seu trabalho.

Evidencia-se, pela proposição de Mercer (1981) que, na construção da personagem mãe, os aspectos cognitivos, afetivos, motores e sociais estão implícitos e que ela, a princípio, necessita de se apropriar de uma identidade pressuposta (papel pré-estabelecido socialmente). Na medida em que vai dominando esses papéis, a personagem mãe adquire possibilidades de imprimir um caráter próprio à sua atividade, superando a simples reposição da identidade pressuposta.

Há uma imagem da maternidade que é aderida pela mentalidade dos indivíduos e, portanto, pela da mulher que vivencia o processo gravídico-puerperal. No contexto concreto, objetivado na vivência da mulher, expressa em seu comportamento no desempenho do papel materno, há um processo de *identificação* com o modelo de ser mãe, o mais familiar para cada um de nós — a nossa própria mãe ou a pessoa que preencheu a função maternal.

No caso de haver identificação, as atividades maternas são reproduzidas ou repetidas de maneira semelhante ao modo de cuidar recebido. Quando não, ocorre uma identificação às avessas, reações comportamentais compensatórias que evitam o modelo recebido, por contestar ou criticar a maternidade à qual foi submetida, convertendo-se em nova forma de rigidez, para se distanciar do que recebeu (MALDONADO, 1989).

No plano memorial e psíquico, a mulher revive sensações da sua própria experiência infantil de dependência e de fragilidade, o que a qualifica a se identificar com as sensações experimentadas pelo seu recém-nascido. Essa situação não a impede de exercer a função materna, que é sinalizada quando há um predomínio do desejo de conhecer e de cuidar do filho.

Entretanto, podemos problematizar certos preceitos, entendendo que pensamentos seculares são derrubados e questionados a fim de que se moldem a novos conceitos a partir das necessidades das mulheres. Para que a procriação e a perpetuação dessa função maternal sejam feitas de forma mais consciente e segura, Federici (2017) afirma que

Mudanças na procriação e na população estão tão longe de ser automáticas ou “naturais” que, em todas as fases do desenvolvimento capitalista, o Estado teve que recorrer à regulação e à coerção para expandir ou reduzir a força de trabalho. Isso era especialmente verdade no momento em que o capitalismo estava apenas decolando, quando os músculos e os ossos dos trabalhadores eram os principais meios de produção. Mas, mesmo depois — e até o presente —, o Estado não poupou esforços na sua tentativa de arrancar das mãos femininas o controle da reprodução e da determinação sobre onde, quando ou em que quantidade as crianças deveriam nascer [...] Ninguém pode descrever, de fato, a angústia e o desespero sofridos por uma mulher ao ver seu corpo se voltando contra si mesma, como acontece no caso de uma gravidez indesejada. Isso é particularmente verdade naquelas situações em que a gravidez fora do casamento era penalizada com o ostracismo social ou, até mesmo, com a morte (FEDERICI, 2017, p. 180).

Constrói-se, pois, sutilmente, toda uma ideologia referente à importância da presença da mulher na educação de seus filhos. Para mais, conforme Saffioti (1976, p. 50),

A maternidade não pode, pois ser encarada como uma carga exclusiva das mulheres. Estando a sociedade interessada no nascimento e socialização de novas gerações como uma condição de sua própria sobrevivência, é ela que deve pagar pelo menos parte do da maternidade, ou seja, encontrar soluções satisfatórias para problemas de natureza profissional que a maternidade cria para as mulheres.

Com relação aos contextos históricos, apesar de serem minoritárias no tráfico africano, as mulheres africanas atuaram no interior das casas-grandes desde a implantação da escravidão nas Américas. É necessário refletirmos, a partir da escravidão e das relações de gênero da história americana, que,

Enquanto na Idade Média elas podiam usar métodos contraceptivos e haviam exercido um controle indiscutível sobre o parto, a partir de agora seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista. Nesse sentido, o destino das mulheres na Europa Ocidental, no período de acumulação primitiva, foi similar ao das negras nas plantations coloniais americanas, que, especialmente depois do fim do tráfico de escravos, em 1807, foram forçadas por seus senhores a se tornar criadoras de novos trabalhadores. A comparação, obviamente, tem sérios limites. As mulheres europeias não estavam abertamente expostas às agressões sexuais, embora as mulheres proletárias pudessem ser estupradas com impunidade e castigadas por isso. Tampouco tiveram que sofrer a agonia de ver seus filhos levados embora e vendidos em leilão. Os ganhos econômicos derivados dos nascimentos a que estavam obrigadas a gerar eram muito mais dissimulados. Nesse aspecto, a condição de mulher escrava revela de uma forma mais explícita a verdade e a lógica da acumulação capitalista. Mas, apesar das diferenças, em ambos os casos o corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina natural de criação, funcionando de acordo com ritmos que estavam fora do controle das mulheres (FEDERICI, 2017, p. 178).

Foi natural, portanto, o uso da maternidade como argumento para manter a instituição da escravidão e para colocar a mulher escrava como reprodutora sem controle. Das escravas, esperava-se que engravidassem o maior número de vezes possíveis sem se importar se os filhos eram do mesmo pai ou não: “Casamento e reprodução pressupunham cumprir dupla jornada de trabalho e submeter-se a uma dupla sujeição — ao senhor e ao marido”. (MACHADO, 2018, p. 335). A maternidade negra, nesse contexto, é vivenciada de maneira completamente oposta à visão iluminista. É uma maternidade vivida na distância e no abandono. Segundo Machado (2018, p. 335), “o papel da maternidade na escravidão, devemos, assim, considerar o fato de que homens e mulheres escravizados experienciavam o sistema a partir de lugares distintos, sendo submetidos a diferentes níveis de opressão”. Por outro lado, como mencionado anteriormente, era a mulher negra a responsável, muitas vezes, pelos cuidados com os filhos de

seus senhores. Seu leite e seus carinhos eram reservados aos filhos de seus senhores, não aos seus próprios.

A ideologia dominante no período da escravidão fomentou a criação de várias imagens controladoras, interrelacionadas, socialmente construídas, de mulheres negras, cada uma refletindo o interesse do grupo dominante em manter a subordinação dessas mulheres. Além disso, como as mulheres de cor e brancas eram importantes para a continuação da escravidão, o controle das imagens da feminilidade negra também funcionava para mascarar as relações sociais que afetavam todas as mulheres:

De acordo com o culto da verdadeira feminilidade que acompanhava o ideal tradicional da família, as mulheres “verdadeiras” possuíam quatro virtudes fundamentais: piedade, pureza, submissividade e domesticidade. As mulheres brancas proprietárias e as da classe média emergente foram encorajadas a aspirar a essas virtudes. As mulheres afro-americanas encontraram um conjunto diferente de imagens controladoras. A primeira imagem controladora aplicada às mulheres negras dos EUA é a da mamãe, a fiel e obediente empregada doméstica. Criada para justificar a exploração econômica de escravas domésticas e sustentadas para explicar a restrição de longa data das mulheres negras ao serviço doméstico, a imagem de mamãe representa o critério normativo usado para avaliar o comportamento de todas as mulheres negras. Ao amar, nutrir e cuidar de seus filhos e famílias brancas melhor do que os seus, a mamãe simboliza as percepções do grupo dominante sobre o relacionamento ideal entre as mulheres negras e o poder masculino branco de elite. Mesmo que ela seja bem amada e possa exercer considerável autoridade em sua “família” branca, a mamãe ainda conhece seu “lugar” como serva obediente. Ela aceitou sua subordinação (COLLINS, 2000, p. 72-73, tradução nossa)¹⁰.

Direcionando a atenção às perspectivas maternas, devemos atentar para a análise de um ponto importante para a personagem Ycidra Money. Dentre as experiências dolorosas e traumáticas que lhe fazem repensar sua jornada e reivindicar suas próprias decisões, a personagem passa por processos que a deixam infértil. Esses procedimentos foram realizados pelo Dr. Beauregard Scott, mais conhecido como Dr. Beau. Há poucos assuntos sobre os quais a sociedade burguesa demonstra maior hipocrisia: o aborto é um crime repugnante ao qual é

¹⁰ “The dominant ideology of the slave era fostered the creation of several interrelated, socially constructed controlling images of Black woman- hood, each reflecting the dominant group’s interest in maintaining Black women’s subordination. Moreover, since Black and White women were both important to slavery’s continuation, controlling images of Black womanhood also functioned to mask social relations that affected all women. According to the cult of true womanhood that accompanied the traditional family ideal, ‘true’ women possessed four cardinal virtues: piety, purity, sub- missiveness, and domesticity. Propertied White women and those of the emerg- ing middle class were encouraged to aspire to these virtues. African-American women encountered a different set of controlling images. The first controlling image applied to U.S. Black women is that of the mammy—the faithful, obedient domestic servant. Created to justify the economic exploitation of house slaves and sustained to explain Black women’s long-standing restriction to domestic service, the mammy image represents the normative yardstick used to evaluate all Black women’s behavior. By loving, nurturing, and caring for her White children and “family” better than her own, the mammy symbolizes the dominant group’s perceptions of the ideal Black femal relationship to elite White male power. Even though she may be well loved na may wield considerable authority in her White ‘family’, the mammy still knows her ‘place’ as obedient servant. She has accepted her subordination” (COLLINS, 2000, p. 72-73).

indecente aludir. Ycidra descreveu para as mulheres que lhe cuidaram que não sabia ao certo o que o médico havia feito com ela, mas Miss Ethel sabia que Ci ficou impossibilitada de gerar filhos. Apesar da trama não nos revelar previamente algum desejo da personagem de ter filhos, é notório que Morrison narra esse fato como algo a se pensar, questionando a importância da função maternal ou, pelo menos, a função negada a essa personagem. Inclusive, a autora sempre aborda mães em suas jornadas, seja Rebekka, em *Compaixão* (2009), seja Sethe, em *Amada* (2007), seja Polly, em *O olho mais azul* (2019), entre outras. Em sua literatura, Morrison nos mostra as experiências, ações e motivações de mães negras em distintos contextos dos Estados Unidos.

A mulher, por muito tempo, estava condicionada a viver sob a sombra da maternidade e a construir sua vida em função da maternidade e da criação de seus filhos em crises econômicas:

Mesmo antes do auge da teoria mercantilista, na França e na Inglaterra o Estado adotou um conjunto de medidas pró-natalistas, que, combinadas com a assistência pública, formaram o embrião de uma política reprodutiva capitalista. Aprovaram-se leis que bonificavam o casamento e penalizavam o celibato, inspiradas nas que foram adotadas no final do Império Romano com o mesmo propósito. Foi dada uma nova importância à família enquanto instituição-chave que assegurava a transmissão da propriedade e a reprodução da força de trabalho. Simultaneamente, observa-se o início do registro demográfico e da intervenção do Estado na supervisão da sexualidade, da procriação e da vida familiar (FEDERICI, 2017, p. 173-174).

No entanto, Federici (2017) enfatiza que a principal iniciativa do Estado para restaurar a proporção populacional desejada foi lançar uma verdadeira guerra contra as mulheres, claramente orientada a quebrar o controle que elas haviam exercido sobre seus corpos e sobre sua reprodução. Essa guerra foi travada principalmente por meio da caça às *bruxas*, que demonizou qualquer forma de controle de natalidade e de sexualidade não direcionada à procriação, ao mesmo tempo em que acusava as mulheres de sacrificar crianças para o demônio. Contudo, a guerra também recorreu a uma redefinição do que constituía um crime reprodutivo. Desse modo, em meados do século XVI, no mesmo período em que os barcos portugueses retornavam da África com seus primeiros carregamentos humanos, todos os governos europeus começaram a impor penas mais severas à contracepção, ao aborto e ao infanticídio.

Em *Voltar para casa*, podemos visualizar um processo de domínio de um homem sobre uma mulher: mediante Sarah, amiga de Ci, fiamos sabendo o que o Dr. Beau fez com a personagem Ycidra:

Ela sabia que o médico dava injeções, que fazia os pacientes tomarem remédios fabricados por ele e de vez em quando fazia abortos em damas da sociedade. Nada disso a incomodava ou alarmava. O que ela não sabia era quando ele ficava tão interessado em úteros em geral, construindo instrumentos para olhar mais e mais fundo dentro deles. Aperfeiçoando o espetáculo. Mas quando notou a perda de peso de Ci, sua fadiga, e como suas menstruações demoravam, ela ficou apavorada a ponto de escrever para o único parente cujo endereço Ci possuía (MORRISON, 2016, p. 105-106).

Ycidra detinha de uma inocência e uma ingenuidade que a fez crer que poderia acreditar e confiar no médico para quem ela trabalhava — que, inclusive, lhe dera um emprego —, mas, ao longo do tempo em que Ci está trabalhando para o doutor, ela passa a ser cobaia em processos violentos e invasivos, feitos pelo Dr. Beau. A personagem passou por isso para favorecer mulheres da sociedade burguesa que desejassem praticar o aborto de forma clandestina.

O corpo da Ci foi violentado em favor de outro que não se preocupa com a forma como esses métodos foram testados. O útero dela nunca mais geraria um filho, assim disse claramente Miss Ethel. É evidente que a irmã de Frank estava infértil, não derrotada, mas podemos entender que, para ela, essa realidade poderia não ser confortável. É compreensível que, para uma mulher inserida no contexto dos anos 1950, seja aparentemente difícil entender que ter uma vida infértil pode ser uma coisa tão dolorosa, porém entendemos também que esses aspectos foram criados para que as mulheres realmente sintam essa culpabilidade e para que sempre pensem na maternidade como uma coisa boa, positiva e gloriosa.

Devemos pensar sobre as relações de gênero e raça, nas quais a maternidade aparece como tendo uma alta relevância, porque a vida das mulheres brancas e sua função maternal sempre foram postas à frente da função da mulher negra. Em *Compaixão*, temos a presença da personagem Rebekka, uma senhora branca cuja maior parte de sua narrativa se desenrola sobre o fato de ela ser uma mulher a quem a vida negou o exercício da maternidade efetivamente:

Pariu quatro bebês saudáveis, viu três sucumbirem em idades diferentes a uma ou outra doença, e depois viu Patrician, sua primogênita, que chegou a idade de cinco anos e forneceu a felicidade em que Rebekka não conseguia nem acreditar, jazer em seus braços durante dois dias antes de morrer de cabeça quebrada (MORRISON, 2009, p. 76).

A personagem Rebekka tinha consciência de seu matrimônio e da necessidade de conceder filhos a seu marido para criar herdeiros saudáveis. Assim, no futuro, seu marido poderia descansar em paz e se tranquilizar, já que suas terras e seus negócios estariam bem administrados e manteriam o progresso e o nome da sua família intactos. Entretanto, Morrison, mais uma vez, problematiza esses papéis e encara a natureza da mulher como algo real,

mostrando que suas personagens mães estão à mercê de uma sociedade despreocupada com a saúde feminina, que foca apenas a função procriadora de novos indivíduos.

Não obstante essa problematização, entendemos que a perda é dura, e as personagens de Morrison vivem isso em suas tramas. Em *Compaixão*, a perda de Rebekka é encarada com muita dor e sofrimento:

Nunca olhou pra o caixão à espera do degelo debaixo de peles. Mas quando finalmente a terra ficou macia, quando Jacob conseguiu tração com a pá e baixaram o caixão, ela sentou no chão apoiada nos cotovelos, ignorando a umidade, e olhou cada torrão e pedra que caía. Ficou ali o dia inteiro e toda a noite. Ninguém, nem Jacob, Sorrow ou Lina, conseguiu levantá-la. Nem o Pastor também, uma vez que ele e sua congregação eram aqueles cujas crenças privaram sua filha da redenção. Ela rosou quando a tocaram; derrubou os ombros no cobertor. Eles então a deixaram sozinha, balançando a cabeça, resmungando preces por seu perdão. Ao amanhecer, com a neve caindo leve, Lina veio e arrumou joias e comida em cima do túmulo, junto com as folhas perfumadas, disse a ela que os meninos e Patrician eram estrelas agora, ou alguma coisa igualmente bonita: pássaros verdes e amarelos, raposas brincalhonas ou nuvens cor-de-rosa a se juntar no limiar do céu. Coisas pagãs, é verdade, porém mais satisfatórias do que as orações do tipo “eu aceito e nos encontramos no dia do Juízo” que Rebekka tinha aprendido e ouviria repetidas vezes na congregação batista. (MORRISON, 2009, p. 77).

Rebekka teve filho. Depois da filha Patrician, cada vez que ela dava à luz, ela esquecia da amamentação anterior interrompida muito antes do tempo de desmame: “Esquecia os peitos ainda vazando, ou os mamilos prematuramente encoscorados e sensíveis demais para as roupas de baixo” (MORRISON, 2009, p. 84). Esquecia-se também de como era prematura e efêmera a viagem do berço até o caixão de seus filhos. À medida em que as crianças morriam e os anos iam passando, o marido convenceu-se de que a fazenda era sustentável, mas não lucrativa. Começou, então, a fazer comércio e a viajar perseguindo melhores condições de vida para eles.

Não só nesta obra de Morrison podemos perceber mulheres passando por situações de culpa. No entanto, devemos entender que a mulher é designada a mais funções do que os homens. Dessa forma, entendemos que, em *Compaixão*, Jacob Vaark, assim como outros homens, só tinha a função de se preocupar com o destino de sua fazenda, por isso um filho homem seria o ideal.

A análise da obra de Morrison ilustra a complexidade da maternidade, desafiando estereótipos comumente associados a mães negras e ampliando as noções do fenômeno para além dos determinantes biológicos. *Compaixão* demonstra que, durante a escravidão, as mulheres negras não tinham nenhuma garantia de que teriam seus próprios filhos, e, consequentemente, as formas tradicionais de apego e de parentalidade não eram possíveis. Observemos também o vínculo mãe/filha entre Florens e sua mãe, ambas escravas na plantação

de D’Ortgea, para descrever a dura realidade das mães durante a escravidão. O romance reflete que a maternidade existe além do biológico determinante, já que muitas personagens passam a desempenhar o papel de mães, mães de aluguel e outras mães. Em *Compaixão*, Lina, por exemplo, torna-se a outra mãe de Florens.

Na obra citada acima, os capítulos alternam principalmente entre Florens e a narração em terceira pessoa de um narrador onisciente. A narrativa começa com a garota escrevendo sua história, um ato já não convencional, porquanto ela, uma jovem escrava, teoricamente, não seria capaz de ler e de escrever. A história se passa no início do século XVII, no início do período colonial dos EUA:

A escravidão estava se tornando uma empresa comercial recorrente e, por esse motivo, qualquer vínculo entre escravos era banido para aumentar o lucro econômico e estabelecer um mercado consolidado de carne. As mães escravas não tinham direito sobre si ou sobre seus filhos porque eram consideradas meras mercadorias. Como os laços maternos eram constantemente reprimidos e proibidos, a maternidade tornou-se um local de fortalecimento para as mulheres negras (OLIVEIRA, 2015, p. 71, tradução nossa¹¹).

Esse fortalecimento traz consigo a possibilidade de subversão, e, à medida que a opressão se intensifica, há a geração de um cenário que pode instigar a transgressão, como visto em muitas mães negras na escravidão. Por meio da maternidade, as mulheres negras costumam encontrar a possibilidade de resistir à opressão, amando seus filhos e sendo amadas enquanto tentam garantir sua sobrevivência à margem da sociedade. As personagens femininas reivindicam a maternidade e, assim, recusam papéis de vítimas impotentes.

Em *Compaixão*, a mãe de Florens experimenta as contradições limitantes impostas às mães negras durante a escravidão e a falta de oportunidade de explicar suas ações. A menina e sua mãe pertencem, inicialmente, a D’Ortega, um proprietário de escravos português, que deve dinheiro a Jacob, um comerciante. O fazendeiro português insiste em que Vaark aceite um escravo como pagamento, mas o homem hesita, porque escravos não são mercadorias com as quais ele comercializa. Perto de casa, a mãe de Florens chama a atenção de Jacob Vaark: “aproximou-se da cozinha e viu uma mulher parada na porta com duas crianças. Uma montada no quadril; uma escondida atrás das saias. Ela parecia bem saudável, mas bem alimentada que os outros” (MORRISON, 2009, p. 26). Por um capricho, principalmente para silenciá-lo, e com

¹¹ “Slavery was then becoming a recurrent business enterprise and, for that reason, any bond among slaves was banished in order to increase economic profit and establish a consolidated market of flesh. Slave mothers did not have any right over themselves or their children because they were considered mere merchandise. As maternal bonds were constantly repressed and forbidden, motherhood became a site of empowerment for black women” (OLIVEIRA, 2015, p. 71).

a certeza de que D'Ortega recusaria, Vaark diz: “Ela. Essa aí. Levo essa” (MORRISON, 2009, p. 26). O homem descreve a mãe de Florens, que é uma escrava doméstica muito valiosa para D'Ortega. Então, este responde: “Ah, não. Impossível. Minha mulher não deixaria. Não pode viver sem ela. É nossa cozinheira principal, a melhor” (MORRISON, 2009, p. 26). Em um ato que surpreende Jacob Vaark, a mulher oferece sua própria filha para ser levada embora. Por causa desse evento, Vaark interpreta mal Florens.

O senhor Vaark tem uma percepção distorcida da maternidade, vendo as mães negras como cruéis e desapegadas. Essa suposição beneficia o homem, porque o libera de qualquer culpa por sua ação de comprar uma menina, já que a mãe escrava de Florens é julgada pelas lentes de um homem branco que não entende a realidade das mulheres negras durante a escravidão. Vaark, convenientemente, retrata a mãe da menina como monstruosa e se convence de que está fazendo um favor à menina afastando-a “dessa mãe”. Ele pensa que a aquisição da criança poderia ser vista como um “resgate”, insistindo no fato de que salvou a garota de uma mãe que a rejeitou. No entanto, mais tarde, a mãe dela tem a chance de contar sua história e lançar luz sobre suas ações e motivações. Isso é possível porque ela narra o último capítulo.

Apesar das tentativas da mãe de Florens de mantê-la criança o maior tempo possível, ela fica preocupada, pois D'Ortega começou a notar sua filha. Ela sabe que, se Florens ficasse, estaria fadada a ter o mesmo destino que ela: ser abusada e servir às necessidades sexuais do fazendeiro português. Portanto, a mãe de Florens estava ciente de que não havia garantias para os escravos, mas ela sabia que existiam diferentes tipos de opressão e de abuso. A personagem tem escolhas muito limitadas, contudo luta para salvar sua filha.

Ainda em *Compaixão*, o conceito de maternidade é expandido para incluir mais do que os vínculos biológicos tradicionais entre mães e filhas. Por exemplo, Lina, uma escrava nativa americana, passa a ser uma mãe de aluguel para Florens. A mãe como sendo principal responsável pela criança é uma noção da sociedade moderna, na medida em que a família nuclear se torna reduzida e a comunidade é separada do processo de maternidade (OLIVEIRA, 2015).

Tanto Lina quanto Florens foram separadas de suas famílias desde muito cedo. Ambas as personagens são separadas de suas famílias desde muito cedo. Como discutido anteriormente, Florens é vendida para Jacob Vaark. Ela é separada de sua mãe enquanto ainda criança e anseia por uma figura materna. Lina não é a mãe biológica ou parente da garota. No entanto, como já mencionado, ela se torna uma mãe de aluguel para Florens.

Não se limitando a parentes, outras mães ajudam as mulheres a lidar com a perda de suas mães biológicas, que foi uma ocorrência comum na escravidão. Collins (2000) também

adota o termo *outras mães*, que se refere amplamente aos laços entre as mulheres negras que as ajudam a sobreviver e a moldar suas subjetividades. Lina pode ser vista como uma outra mãe de Florens, porque, apesar das diferenças, um vínculo mãe-filha marca seu relacionamento, e, juntas, resistem aos paradigmas de uma sociedade escravista que rompe os laços das mulheres. As duas se encontram quando Vaark leva a criança para a fazenda. Assim que ela chega ao local, Lina é envolvida por sentimentos de cuidado, pois “Lina tinha se apaixonado por ela imediatamente, assim que a viu tremer na neve” (MORRISON, 2009, p. 59-60).

Elas, lentamente, se envolvem uma com a outra, e seu relacionamento é gradualmente fortalecido. A menina gosta de ouvir as histórias de Lina, mas as que ela mais ama são sempre as que dizem respeito aos laços maternos. Segundo a narrativa de Morrison (2009, p. 61), “Especialmente solicitadas, eram histórias de mães lutando para salvar seus filhos de lobos e desastres naturais”.

Florens admira mães protetoras que lutam para garantir a sobrevivência de seus filhos, mantendo-os próximos. Logo, Florens anseia pelo mesmo tipo de vínculo, visto que, erroneamente, acredita que sua mãe a ofereceu a Vaark por falta de amor. Como outra mãe, Lina tenta ajudar a garota através do amor e carinho.

Diante disso, Lina representa a sabedoria e o conhecimento de que Florens precisa. As duas precisam de amor, pois estão tentando sobreviver em uma sociedade que dilacerou seus laços familiares: “Ambos sentem a necessidade de ter um vínculo mãe-filha para sobreviver sob as realidades cruéis da escravidão. Ao cultivar sentimentos mútuos de amor e respeito, os dois personagens lidam com seus traumas anteriores de abandono e perda” (OLIVEIRA, 2015, p. 82).

Em *Compaixão*, Toni Morrison escreve um romance que desafia os retratos convencionais da maternidade. Por fim, *Voltar para casa* e *Compaixão* ilustram a complexidade da maternidade, desafiando estereótipos comumente associados a mães negras e estendendo as noções de maternidade para além dos determinantes biológicos, da ausência ou da função negada à personagem Ycidra. Este estudo desestabiliza padrões que classificam os personagens das mulheres negras como simplesmente mãe ou não. Mães negras não podem ser simplesmente julgadas boas ou más, matriarcas ou sexualmente promíscuas. As várias realidades das personagens femininas mostram as experiências heterogêneas da maternidade na escravidão e na sociedade pós-escravidão. Nesse contexto, a maternidade não se limita às conexões biológicas, pois diferentes mulheres passam a desempenhar o papel de mães e outras mães. Em ambas as obras aqui analisadas, a maternidade reflete as muitas manifestações possíveis de tais vínculos durante a escravidão e suas consequências.

5 PARA ALÉM DO PROBLEMA RACIAL: A REPRESENTAÇÃO E O ESPAÇO DADO ÀS MULHERES EM *COMPAIXÃO* E EM *VOLTAR PARA CASA*

Em *Compaixão* e em *Voltar para Casa*, Toni Morrison nos coloca, sem dúvida, diante de várias tragédias. As obras retratam as batalhas individuais dos personagens contra seus destinos. Ao descrever pessoas que buscam por sua emancipação, Morrison universaliza o particular para falar das múltiplas formas de discriminação racial, social e religiosa existentes na sociedade na qual insere suas personagens. Verificamos que, em suas obras, a autora não apenas enfoca seus personagens antagonistas, mas retrata a vida de seus personagens secundários com um cuidado que nos permite desenvolver nossas análises a partir de suas vidas, mostrando suas necessidades e ambições.

À vista disso, as tramas de Morrison localizam-se no centro de tensões entre as amplas ideias abrangentes de uma política nacional comum — como elas são enquadradas, separadamente, pelo liberalismo e pelo conservadorismo americano — e de noções mais recalcitrantes de como a experiência cultural americana está fragmentada e seccionada de acordo com categorias distintas, como raça e gênero.

Nas narrativas morrisonianas, é possível observar as passagens das personagens como uma escolha natural ditada por suas necessidades, dependendo da maneira como olhamos para o tratamento que receberam e para as dificuldades que precisaram enfrentar. Independentemente de quais motivos consideramos primários, não há uma mudança na maneira intrincada como as mulheres de suas obras executam suas ações e jornadas. Por isso, torna-se importante analisarmos mais de perto e pontuarmos individualmente as personagens *secundárias*, as quais são importantes porque, pela análise de suas tramas, podemos entender as motivações e experiências dessas mulheres dentro em seus diferentes contextos. Assim, analisamos, primeiramente, a senhora Rebekka, Lina e Sorrow da obra *Compaixão*, e, posteriormente, discorremos sobre a importância da personagem Miss Ethel e das mulheres de Lotus da obra *Voltar para casa*.

5.1 A SENHORA BRANCA: REBEKKA

A senhora Rebekka é a esposa de Jacob Vaark, e ela parece encontrar, em sua vinda para a fazenda de seu marido, uma oportunidade de se reinventar ou, no mínimo, de repensar a vida que lhe foi imposta e as condições que lhe proporcionaram. Ao saber de um comerciante

do novo continente que busca por uma esposa, o pai de Rebekka não hesita em oferecer sua filha:

Em busca de uma esposa casta, saudável, disposta a viajar para o exterior –, ele imediatamente ofereceu sua menina mais velha. A teimosa, aquela de muitas perguntas e boca rebelde. A mãe de Rebekka era contra a “venda” – ela chamava assim porque o possível noivo tinha enfatizado que ia “reembolsar” pelas roupas, despesas e uns poucos suprimentos –, não por amor ou necessidade de sua filha, mas porque o futuro marido era pagão que vivia entre selvagens (MORRISON, 2009, p. 72).

A mãe de Rebekka aceita a venda. Jacob Vaark garante cobrir todos os custos e prover o sustento de sua futura esposa. É interessante pensar que a única objeção que sua mãe faz é com relação à crença de Jacob, que, vivendo em meio aos “selvagens”, era, possivelmente, pagão:

Em 1620, a Companhia de Londres trazia cem órfãos para a Virgínia. Da mesma maneira, mulheres eram transportadas para serem leiloadas no Novo Mundo. E natural concluir que essas mulheres, dispostas a atravessar o oceano e serem vendidas na América como esposas, não eram integrantes da aristocracia intelectual ou financeira da Inglaterra. Poucos podiam pagar o alto preço de uma passagem para a América. Esse fator, combinado à necessidade de mão-de-obra, fez surgir uma nova forma de servidão nas colônias: a servidão temporária (*indentured servant*). O sistema consistia em prestar alguns anos de trabalho gratuito à pessoa que se dispusesse a pagar a passagem do imigrante. O transporte desses servos era feito sob condições tão difíceis que houve quem o comparasse ao tráfico de escravos africanos. Em vários momentos e lugares, o servo temporário foi a principal força de trabalho branca das colônias (KARNAL, 2007, p. 45).

A esposa lhe devia servidão e passaria a se enquadrar às necessidades de Jacob Vaark, seu futuro marido, para que desenvolvesse suas “obrigações” como esposa.

Para Rebekka, o medo de viver entre os falados “selvagens” era real. No entanto, com o nascimento de seu primeiro filho, Lina cuidou do garoto com tanta atenção, que a senhora inglesa se envergonhou de suas primeiras impressões sobre a mulher indígena: “Lina cuidou dele com tanta ternura, com tanto conhecimento, que Rebekka se envergonhou de seus primeiros medos e fingiu que nunca os tinha tido” (MORRISON, 2009, p. 73).

As mulheres que moravam na fazenda do Jacob Vaark chegaram lá mediante transações. Em larga medida, a sensação de desamparo provocada por suas experiências passadas só é preenchida com as relações que essas mulheres estabelecem entre si. Lina e Rebekka, por exemplo, apesar da inicial hostilidade, encontram conforto na companhia uma da outra. Pela voz da senhora branca, é possível perceber a identificação que sente em relação a Lina, mesmo que as duas sejam de origens tão diferentes.

Sua mãe a alertou para o fato de que selvagens ou não conformistas iriam trucidá-la assim que desembarcasse, então quando Rebekka encontrou Lina já lá, esperando na frente do chalé de um cômodo que seu novo marido tinha construído para eles, ela trancou a porta à noite e não deixava a moça de cabelo de corvo e pele impressionante dormir em nenhum lugar próximo. Catorze anos talvez, cara de pedra ela era, e levou um tempo para haver confiança entre elas. Talvez porque as duas estivessem sozinhas sem família, ou porque precisassem agradar ao mesmo homem, ou porque as duas fossem desesperadamente ignorantes de como tocar uma fazenda, elas se tornaram o que era companhia uma para a outra. Uma dupla, de qualquer forma, o resultado da aliança mútua que vem de repartir tarefas (MORRISON, 2009, p. 72).

Em toda a sua obra, é perceptível que a autora se preocupa em construir seus personagens com anseios, desejos e necessidades individuais, os quais, além disso, estão em busca de uma liberdade que lhes é negada por imposição dos destinos destorcidos. Rebekka, sendo uma mulher branca e ocupando uma posição hierárquica superior em relação às mulheres negras e indígenas de *Compaixão*, ainda partilha, no entanto, os percalços de ser mulher na sociedade de 1690, vivendo às custas de um homem, seja ele seu pai, seja seu marido, seja seu irmão. A esposa de Jacok Vaark passou por vários percalços, e Morrison bem demonstra isso em sua narrativa:

Sua Rebekka lhe parecia sempre mais valiosa nas raras vezes em que estava na companhia das esposas desses homens ricos, mulheres que mudavam de roupa todos os dias e vestiam os criados com pano de saco. Desde o momento em que viu sua futura noiva lutando para descer da prancha de desembarque com roupa de cama, duas caixas e uma bolsa pesada, ele entendeu a sorte que teve. Estava disposto a aceitar um saco de ossos ou uma donzela feia – na verdade esperava uma assim, já que uma bonita teria tido diversas oportunidades de se casar na região. Mas a jovem que respondeu ao seu grito na multidão era roliça, graciosa e capaz. Valeu cada dia da longa procura tornada necessária porque assumir a propriedade exigia uma esposa, e porque ele queria certo tipo de parceira: uma mulher que não fosse de igreja, em idade de ter filhos, obediente mas não submissa, alfabetizada mas não orgulhosa, independente mas doméstica. E ele não aceitaria censura. Exatamente como o primeiro imediato a descreveu, Rebekka era ideal. Não havia um osso de megera em seu corpo. Ela nunca levantava a voz com raiva. Cuidava das necessidades dele, fazia os bolinhos mais macios, entregou-se ao trabalho numa terra completamente estranha a ela com entusiasmo e criatividade, alegre como um passarinho. Ou havia sido assim (MORRISON, 2009, p. 23).

A construção narrativa de Rebekka se deu, evidentemente, por Toni Morrison, mas a autora demonstra como Jacob Vaark (homem) caracteriza e idealiza sua futura esposa. Sob essa ótica, Brandão (2004, p. 11) pontua que “a personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiando que a ficção torna possível”. Por mais que Jacok Vaark acrescente que sua futura esposa não se assemelha a tantas outras mulheres, ele ainda constrói uma mulher que seja *ideal*

para si: “Tal objetificação tornava as mulheres europeias suscetíveis às mais variadas formas de exploração e violência, várias delas ilustradas nos diálogos retratados por Rebekka durante a viagem. Não havia proteção” (NICKEL, 2012, p. 94).

Para Rebekka, a ideia do casamento arranjado com um homem que nunca viu em sua vida e a viagem para um local tão distante soam-lhe como uma promessa de um futuro melhor do que qualquer outro que poderia ter na Inglaterra. Assim, sem oferecer resistência, a personagem é embarcada num navio que leva seis semanas para chegar à América. Na viagem, divide um pequeno compartimento com outras seis mulheres, a maioria viajando para cumprir pena no novo continente:

Depois veio o resgate maior quando seu pai teve a notícia de um homem que procurava uma esposa forte mais que um dote. Alerta de matança imediata e promessa de felicidade conjugal, ela não acreditava em nenhuma das duas. Porém, sem dinheiro, nem vocação para vender coisas, abrir uma barraca ou ser aprendiz em troca de casa e comida, barrada até dos conventos da classe alta, suas perspectivas eram ser criada, prostituta, esposa, e, embora contassem histórias horríveis sobre essas carreiras, a última parecia a mais segura. Aquela poderia garantir filhos e portanto garantir alguma afeição. Como em qualquer futuro disponível a ela, dependia do caráter do homem em questão. Daí o casamento com um marido desconhecido numa terra longínqua ter nítidas vantagens: separação de uma mãe que escapara por pouco do castigo do mergulho; de irmãos homens que trabalhavam dia e noite com seu pai e aprendiam com ele a atitude de repúdio à irmã que tinha ajudado a criá-los; mas especialmente escapar dos olhares maliciosos e das mãos rudes de qualquer homem, bêbado ou sóbrio, com quem pudesse encontrar. América (MORRISON, 2009, p. 75).

Rebekka transmite ao leitor, nas páginas do romance, suas inúmeras dúvidas, angústias, inseguranças e as condições às quais teve que se submeter para encontrar um lugar no meio social no qual estava inserida. Ela também passou a questionar seus futuros destinos e possibilidades, se vendo condicionada a viver longe de sua terra na Europa e a morar na terra dos “selvagens”, ao lado de nativos sobre os quais, constantemente, lhe passaram uma péssima imagem. A personagem foi obrigada a se deslocar, a viver/casar-se com um homem desconhecido e a viver longe de sua família, que a havia vendido. A futura senhora Vaark, então, passou a ansiar pelos dias em que viria a ser mãe. Rebekka, no entanto, não viveu bem essa condição maternal e entrou em desespero por ser uma mãe que viu seus filhos sucumbirem à morte:

Três bebês mortos um depois do outro, seguidos pela morte acidental de Patrician, a filha deles de cinco anos, a tinham amargurado. Uma espécie de cinza invisível pousara sobre ela que vigílias nos pequenos túmulos na campina nada faziam para apagar. Ela, no entanto, nem reclamava nem faltava a seus deveres. Se algo mudara, foi que ela se atirava com mais vigor ao trabalho na terra, e, quando ele viajava, como agora, a negócios, comerciando, coletando, emprestando não tinha dúvida de como sua casa era cuidada. Rebekka e suas duas ajudantes eram tão confiáveis como o

nascer do sol e fortes como postes. Além disso, o tempo e a saúde estavam do lado delas. Ele tinha confiança de que ela ia ter mais filhos e ao menos um, um menino, sobreviveria para crescer (MORRISON, 2009, p. 23-24).

Morrison mostra dor na construção de seus personagens, pois eles são tão reais, de maneira que podemos senti-los mediante suas palavras e sua escrita. A autora cria os homens, as mulheres e a natureza da forma mais real possível.

Apesar de suas diferenças, as mulheres de *Compaixão* formam uma espécie de comunidade. Cada uma é responsável por uma parte dos trabalhos da fazenda e, juntas, mantêm o local. Contudo, posteriormente, com a morte de Vaark, esse elo se revela extremamente frágil para assegurar a continuidade dessa comunidade. Em meio ao processo de rememória que sua febre lhe impõe, Rebekka percebe o significado da ausência de Vaark. Preocupação semelhante é demonstrada por Lina:

Três mulheres sem senhor e um bebê ali sozinhas, sem pertencer a ninguém, tornavam-se presas fáceis para qualquer um. Nenhuma delas podia herdar; nenhuma estava ligada a uma igreja ou registro em seus livros. Mulheres e ilegais, elas seriam intrusas, invasoras, se ali ficassem quando morresse a Patroa, sujeitas a compra, aluguel, violação, sequestro, exílio. A fazenda podia ser reclamada e leiloadada para os batistas. Lina tinha saboreado seu lugar naquela pequena, apegada família, mas agora via a loucura daquilo (MORRISON, 2009, p. 58).

O que Lina parece não perceber é que, independentemente da fortuna de Rebekka, essa já é uma ameaça real. A viúva, por sua vez, em meio ao processo de rememória, se dá conta da mudança de sua condição com a morte de Vaark. Essa constatação impacta profundamente Rebekka, que, a partir disso, altera radicalmente sua posição em relação ao mundo e às pessoas que a cercam.

A personagem apresenta uma forte questão religiosa que lhe permeia, e, não obstante o fervor religioso de seus pais, Rebekka se define como uma “crente rasa”, uma vez que crentes rasos não consegue compreender Deus de outra forma senão como “um tipo mais vasto de rei” (MORRISON, 2009, p.72). Embora a classifique como uma “compreensão tênue”, a imagem que Rebekka tem de Deus é símbolo do autoritarismo religioso que testemunhou durante sua infância. Ainda que não confirme, a personagem deixa implícita a relação com sua família — mesmo que apenas na condição de simpatizantes — com um grupo religioso da Inglaterra do século XVII que se intitulava o “Quinto Monarquista” (MORRISON, 2009, p. 73).

Em alguns períodos históricos, falar da mulher na sociedade também é falar da influência religiosa. A sociedade é formada por leis e por preceitos morais profundamente religiosos. Por isso, se torna difícil separá-la do fenômeno religioso que compreende a origem

de quase toda sociedade humana. Nesse sentido, olhamos especificamente para o papel que a ideologia religiosa exerce na formação das figuras femininas.

Como instituição social, a igreja católica vem perdendo seu prestígio. Seu poder sobre a sociedade vem diminuindo e dando lugar às outras matrizes religiosas, o que causa diferentes impactos na vida desses fiéis. É sabido que a igreja católica impôs forte poder dentre os séculos, porém vive seus derradeiros anos de instabilidades. Tem sido um processo lento, se observarmos as grandes posições e influências assumidas pela igreja ligadas a um conjunto de comportamentos que deixaram de ser transformador e se encontram em vias de institucionalização na sociedade.

A igreja teria atuado no sentido de atenuar tensões e desacelerar mudanças sociais, e, enquanto detentora de poder sobre um grupo em divergentes contextos sociais, isso significa garantir certa posição e *status*, cuja manutenção necessita da sobrevivência de um grupo que tem sede de poder:

Na questão feminina, a posição da Igreja Católica reflete, de um lado, uma doutrina religiosa na qual a mulher sempre figurou como ser secundário e suspeito e, de outro, seus interesses investidos na ordem vigente nas sociedades de classes. Neste sentido, o comportamento da Igreja não tem diferido basicamente da atuação dos demais grupos empenhados na preservação do *status quo* capitalista. Como estes, a Igreja tem evidenciado um esforço de refinamento das técnicas sociais conducentes a manter, embora disfarçadamente, a mulher submissa ao homem (SAFFIOTI, 1976, p. 92).

Tendo em mente as mulheres batistas que, no passado, vinham à fazenda para visitá-la e para conversar sobre Deus, Rebekka parece encontrar no discurso religioso a saída para a situação de desamparo que a ameaça. Ela decide, assim, ser uma “Nova Eva” para o novo Adão, porém, diferentemente da original, essa nova Eva não se desviará do caminho iniciado pelo companheiro. A aceitação do desejo de Vaark e a aquiescência ao discurso das religiosas são a forma que Rebekka encontra de manter a presença do marido viva. Essa é uma necessidade afetiva, mas também responde a uma demanda prática: o elo com a comunidade religiosa é a única esperança de proteção possível para a viúva. Assim, Rebekka assume a fé batista e seus valores, o que atinge certamente a organização social da fazenda.

A imposição da patroa é uma nova realidade hierárquica para as relações entre as mulheres, o que se revela definitivo para o fim daquilo que, segundo o personagem Scully, todos pensavam ser:

Também a opinião de Scully sobre a Patroa era menos generosa que a de Willard. Ele não desgostava dela, mas via seu comportamento depois da morte do patrão e de sua própria recuperação não apenas como efeito de má saúde e luto. A Patroa passava os

dias com a alegria de um relógio. Ela era pertinente, pura e simples. O que para ele queria dizer que por baixo do ar piedoso havia alguma coisa fria, senão cruel (MORRISON, 2009, p. 143).

Seria errado assumir que Rebekka, sozinha, é responsável pelo desfecho dessa comunidade. Todas as personagens enfrentam algum tipo de experiência que as transformam, o que, de alguma forma, contribui para alterar a organização desse *clã*. Parece-nos, entretanto, que Morrison, através da história de suas personagens femininas, coloca as relações de gênero no centro da formação da nação, não apenas a questão étnica ou racial.

Através do relato da personagem, Morrison aprofunda a problematização da produção da riqueza da nação, desde suas origens, assentada na mão-de-obra escrava, até a exploração sexual de negras, cujos filhos “multiplicavam” as posses de seus patrões. *Compaixão*, por meio das histórias de suas personagens femininas, é um romance que trata dos efeitos traumáticos que a cultura da commodificação da mulher, importada dos europeus, impôs sobre as mulheres que participaram dos primórdios da história norte-americana.

5.2 A MULHER INDÍGENA: LINA

Um conjunto de histórias compostas pelo trauma: este seria um meio possível de definir *Compaixão*. As personagens carregam memórias referentes a abandonos e a separações traumatizantes. As experiências traumáticas de cada uma delas são predominantes no tipo de relação que estabelecem umas com as outras:

Por volta da década de 80 do mesmo século, a noção de trauma é apropriada por pós-colonialistas e utilizada na investigação e compreensão de eventos coloniais – racismo, escravidão, genocídios, entre outros – e seu impacto sobre grupos minoritários. Nessa abordagem pós-colonialista, a categoria do trauma se refere, portanto, a uma experiência coletiva, não mais à vivência de um indivíduo (NICKEL, 2012, p. 20-21).

Lina é a primeira mulher que chegou à fazenda Vaark. Ao ler a obra, entendemos que a personagem feminina indígena passou por experiências traumáticas desde o início de sua vida até ser comprada por Vaark:

Era uma vida sem compensações [...] Durante toda essa época Lina deve ter dito umas cinquenta palavras além de “Sim, senhor”. Solidão, pesar e fúria a teriam alquebrado se ela não tivesse apagado aqueles seis anos anteriores à morte do mundo. A companhia de outras crianças, mães industriais com belas joias, o plano majestoso da vida: quando limpar, colher, queimar, caçar, cerimônias de morte, nascimento e

culto. Ela selecionou e guardou o que ousava lembrar e eliminou o resto, uma atividade que lhe deu forma por dentro e por fora (MORRISON, 2009, p. 50-51).

É interessante mostrar como Lina tornou-se peça importante na relação das mulheres da fazenda do senhor Vaark. No entanto, é importante fazermos uma busca na história americana para entender como a exploração indígena foi violenta na América do Norte e que consequências isso trouxe para os índios, verificando os reflexos dessa exploração nas experiências traumáticas da personagem Lina.

Centenas de aldeias indígenas habitavam a América do Norte até a chegada dos europeus. Havia uma variedade enorme delas:

Só em línguas diferentes encontraram-se mais de trezentas. Grupos indígenas como os cherokees, iroqueses, algonquinos, comanches e apaches povoavam todo o território, do Atlântico até o Pacífico. Alguns outros grupos deram nomes à geografia dos EUA: Dakota, Delaware, Massachusetts, Iowa, Illinois, Missouri. Por toda a América, a história dessas tribos seria profundamente modificada pela chegada dos europeus. As opiniões dos colonos sobre os indígenas variaram, mas foram, quase sempre, negativas (KARNAL, 2007, p. 59).

Por exemplo, até as décadas de 1920 e 1930, os nativos da América do Norte foram constantemente encarados como raça inferior pelos europeus e por seus descendentes. “As memórias persistentes dos modos de vidas tradicionais ajudaram os índios americanos a resistir à longa transição forçada para a sociedade moderna onde se encontravam em desvantagem permanente” (BETHENCOURT, 2018, p. 466).

O direito a uma vida sem violência para qualquer povo deveria ser uma pauta importante. Em que pese o fim desse controle de uma autoridade política, o colonialismo deixa marcas de padrões políticos e epistêmicos que se identificam com o pensamento moderno. As *colonialidades* seriam as consequências do colonialismo para as relações de poder e de hierarquias de classificação social do ser e para a produção de conhecimento:

Ao longo de toda a colonização inglesa na América do Norte: um permanente repúdio à integração do índio. O universo inglês, mesmo quando eventualmente favorável à figura do índio, jamais promoveu um projeto de integração. O índio permaneceu um estranho – aliado ou inimigo –, mas sempre estranho (KARNAL, 2007, p. 43).

Lina, ainda criança, é uma das poucas sobreviventes de uma *praga* lançada sobre nativos americanos. Os soldados franceses a encontraram se escondendo numa árvore e a levaram para uma vila presbiteriana nas proximidades. Lá, ela sofreu discriminação e abuso por ser nativa-

americana. Quando ela passou a se recusar a ser vítima e a reagir, foi marginalizada e expulsa de todos os lares, sendo forçada a viver fora, juntamente com os animais:

Nos processos de colonização, as mulheres destas partes do mundo colonizado não somente foram racializadas, mas também, ao mesmo tempo, foram reinventadas como “mulheres” de acordo com códigos e princípios discriminatórios de gênero ocidentais. A colonização criou as circunstâncias históricas para que as mulheres africanas e indígenas da América do Norte perdessem as relações relativamente igualitárias que tinham com os homens de suas sociedades e caíssem não somente sob homens colonizados. A subordinação de gênero foi o preço que os homens colonizados pagaram para conservar certo controle sobre suas sociedades (MENDOZA, 2017, p. 758-759).

Quando Vaark visita a cidade, leva Lina, que já é mais velha, mas ainda deseja encontrar outra família. Embora Lina consiga sobreviver sozinha, ela almeja ter conexões familiares como antes: só Lina era firme, inabalável por qualquer catástrofe, como se tivesse visto e sobrevivido a tudo (MORRISON, 2009).

É também, em certa medida, o desamparo que cada experiência possui, cada qual em seu momento, que une as mulheres do romance. A necessidade de proteger e de ser protegida fortalece o elo entre as personagens. Lina e Florens, por exemplo, estabeleceram uma relação ainda mais forte que a amizade entre a indígena e a esposa do fazendeiro. Contudo, é também, em certa medida, o desamparo que cada uma tem em sua experiência. Possivelmente, a necessidade de proteger e de ser protegida fortalece o elo entre as duas personagens mulheres. Ambas aplacam a fome que habita em cada uma. Rebekka não demonstra uma identificação com Florens tão intensa quanto com Lina, mas se solidariza com a condição de órfã da menina que Vaark traz para a fazenda.

Nesse ambiente, Florens encontra consolo para a imensa perda que sofreu. Paralelamente, Lina também parece encontrar em Florens algo perdido. Assim como a protagonista, a mulher indígena se tornou órfã ainda criança e sofreu por muito tempo com a falta do lar e dos familiares. Sua trama é composta por memórias referentes a diversas experiências traumáticas. Os abandonos lembrados por Lina têm origem nos eventos que levaram à destruição da sua aldeia. A personagem se lembrava bem do momento em que o grupo ao qual pertencia foi devastado pela varíola e, posteriormente, incendiado por soldados franceses:

Uma vez, muito tempo atrás, se Lina fosse mais velha ou iniciada na cura, podia ter minorado a dor de sua família e de todos que morriam em torno dela: em esteiras de junco, enrolados na beira do lago, encolhidos em trilhas dentro da aldeia e na floresta adiante, mas a maioria rasgando as cobertas que não conseguiam nem usar nem abandonar. Os bebês silenciavam primeiro, e mesmo ao amontoarem terra sobre seus

ossos, suas mãos também estavam vertendo suor e moles como cabelo de milho [...] Chegaram homens de fardas azuis, os rostos embrulhados em trapos. A notícia das mortes que varrerá sua aldeia tinha se espalhado. A alegria de Lina pelo resgate desmoronou quando os soldados, depois de ver os corvos e abutres se alimentando dos corpos espalhados, mataram os lobos a tiros e depois circundaram de fogo a aldeia. Enquanto a carniça queimava ela hesitava entre ficar escondida e arriscar levar um tiro também (MORRISON, 2009, p. 47).

O código sociocultural imposto pelos presbiterianos é completamente distinto daquele que Lina tinha conhecimento. Mesmo assim, ela se dispõe a assimilá-lo em troca da proteção oferecida por essa outra comunidade. O processo de assimilação ao qual Lina se sujeita pode ser lido mesmo como mutilação: Lina enterra vivo, dentro de si, seu passado, sua própria identidade. Entretanto, seus esforços parecem ter sido em vão, e ela mesma experimenta uma nova experiência de desamparo total quando, aos 14 anos, é colocada à venda, sem maiores explicações, e abandonada pelas mesmas pessoas que outrora lhe prometeram cuidado: “Lina era uma menina alta de catorze anos quando o Patrão a trouxe dos presbiterianos” (MORRISON, 2009, p. 52).

Outro momento em que é possível identificar a dor que essas experiências suscitaram nela é na passagem em que relembra sua chegada à fazenda Vaark, descrita como mata fechada e selvagem, como todo trabalho a ser feito. É interessante pensar como a caracterização do espaço serve de espelho da subjetividade da personagem, que precisará desbravar a si, para, de alguma maneira, se construir. É justamente neste espaço que Lina passa a elaborar suas experiências traumáticas através de um forçoso esquecimento e de uma necessária reinvenção.

Então, Lina forja um mundo para si a partir das lembranças remotas de seu passado entre os indígenas e das lições que toma dos presbiterianos. A personagem amarra cuidadosamente, com sua imaginação, as pontas irreconciliáveis entre esses dois mundos. Dessa forma, a personagem funda uma identidade para si e confere algum sentido para sua jornada. Todavia, essa maneira de existir no mundo que Lina inventa para si não é fundamentalmente criação de um processo de construção das suas memórias traumáticas. Esse outro mundo surge por meio de seu esforço de esquecer as lembranças dos abandonos e, assim, de aplacar a dor que essas memórias lhe causam.

5.3 A MENINA ÓRFÃ: SORROW

Juntas, as mulheres da fazenda Vaark formam uma espécie de comunidade. Entretanto, Sorrow, a terceira personagem feminina (escrava negra), é trazida à fazenda — alguns anos antes de Florens. Ela não se integra completamente a esse grupo ou, ainda, não é integrada.

Desde o momento em que chega com Vaark, a menina é excluída por Lina e por Rebekka. É interessante observar que, assim como as outras personagens femininas do romance, Sorrow é órfã. Sua origem é desconhecida, a história que narra sobre seu passado é confusa e inverossímil. A família que a resgata do navio à deriva em que é encontrada a doa, mais tarde, para Vaark, quando a mãe percebe o envolvimento de seus filhos com Sorrow:

Sorrow de olhos de megera e dentes pretos, a cabeça de lã nunca penteada cor do pôr do sol. Aceita, não comprada, pelo Patrão, ela se juntou à criadagem depois de Lina, mas antes de Florens e ainda não tinha lembranças de sua vida passada senão a de ser arrastada para terra por baleias (MORRISON, 2009, p. 51).

A órfã é vítima da mesma objetificação que Lina e Rebekka — e Florens — vivenciaram. No entanto, mesmo com um histórico semelhante aos seus, Lina e Rebekka não se identificam nem se solidarizam com essa outra menina órfã:

Embora o novo mundo surgisse como possibilidade de um destino melhor para as mulheres, fato é que as relações de gênero da Europa foram importadas para a América. Embora Jacob Vaark se orgulhe de não comercializar carnes, todas as mulheres que moram na sua fazenda chegam através de transação: Lina foi comprada pelo fazendeiro Vaark; Rebekka torna-se sua esposa porque ele irá financiar um casamento arranjado; Florens é adquirida na liquidação de uma dívida com o fazendeiro português D’Ortega; e Sorrow é dada a Vaark de graça para retirá-la dos filhos de um madeireiro local (NICKEL, 2012, p. 91).

Cruzando as falas das personagens, é possível apontar algumas razões para essa hostilidade. Quando Florens chega à fazenda, Sorrow está grávida, mas a identidade do pai de seu filho é um mistério. Embora Sorrow não revele o nome do homem, Lina afirma a Florens que acredita ser Vaark o pai da criança: “Lina acha que é o Patrão. Diz que tem sua razão para achar isso. Quando pergunto que razão é essa ela diz que ele é um homem” (MORRISON, 2009, p. 12). Mais adiante, a indígena deixa mais clara sua desconfiança com a decisão de Vaark de colocar Sorrow para dormir junto à lareira.

De acordo com Rebekka, quando Vaark é diagnosticado com varíola, os batistas proíbem o contato com qualquer morador da fazenda, principalmente com Sorrow. Todos esses elementos indicam que Vaark abusa da órfã e que este é um fato conhecido, mas mantido em segredo pelas demais personagens.

Embora essas informações indiquem que Rebekka considere Sorrow uma ameaça, elas não são suficientes para explicar a aversão de Lina nem seus motivos para impedir o contato entre Florens e Sorrow. A reação de Lina, não obstante oposta à que demonstra quando vê Florens, pode ser explicada em termos de identificação. Enquanto a indígena vê a possibilidade

de curá-la de uma dor que também é sua, em Sorrow, essa possibilidade não existe. Em Florens, Lina reconhece a *fome* que Sorrow carrega, que não é uma fome por amor materno.

5.4 MISS ETHEL E AS MULHERES DE LOTUS

Ao perceber que havia sido abatida por inúmeras experiências traumáticas, a menina Ycidra Money não parecia estar derrotada. Podemos notar que ela se conectou com Miss Ethel e com as outras mulheres da cidade de Lótus, as quais a ajudaram a buscar sua identidade e sua força a partir de seu renascimento depois de processos tão traumáticos. A força das mulheres que lhe cuidaram a tornou mais forte e segura de suas reais ações e motivações. Depois que Ci passou por processos violentos com o Dr. Beau e se recuperou, foi o auxílio de Miss Ethel importantíssimo para sua reintegração. Depois de tantos pesares enfrentados por Ci, a senhora a aconselhou e lhe disse: “Olhe para você. Você é livre. Nada nem ninguém é obrigado a te salvar, só você mesma” (MORRISON, 2016, p. 116). Esse processo de reinvenção necessitava de uma força de vontade própria de que Ci precisaria para seu futuro.

Ci começa a trilhar um novo caminho em que necessita ir em busca de suas próprias vivências, nas quais somente ela pode decidir por si. No entanto, com a ajuda das mulheres de Lotus, nossa atenção se volta para aquelas que curaram a garota Ci e a como toda essa união se reverteu em salvação e ressurreição da personagem. Após seu irmão passar por dias difíceis esperando notícias da reabilitação de sua irmã amada, Frank começou a notar uma melhora significativa em Ycidra. Porém, o foco aqui se volta para as mulheres que a curaram e lhe reabilitaram, mulheres que viveram seus pesares e os transformaram em cura:

Frank não sabia o que ocorrera durante aquelas semanas na casa de Miss Ethel, a irmã cercada por mulheres com olhos que já viram de tudo. A baixa expectativa que tinham do mundo estava sempre visível. A devoção delas a Jesus e uma à outra as direcionava e posicionava muito acima do que a vida lhes dera (MORRISON, 2016, p. 118).

Ci se questiona sobre sua própria vida e como os resultados de suas vivências a levaram ao quase fim de sua vida. Miss Ethel encabeçou esse processo de cura de Ycidra e lhe mostrou que “ela nunca poderia ter filhos para cuidar e lhe dar a condição de ser mãe” (MORRISON, 2016, p.120). Ci não sabia o que sentir com tudo por que vinha passando, ela não sentia raiva de ninguém: “vazia e incapaz de reagir ao diagnóstico de Ethel, Ci a observava” (MORRISON, 2016, p. 120).

A personagem punha a culpa de sua ingenuidade na falta de estudos, mas pensou melhor nisso quando se lembrou das mulheres de Lotus e da importância delas para sua cura. A regeneração e reintegração de Ci aconteceram pela união das mulheres e de como todas desenvolveram diferentes funções dentro dessa sociedade.

Em virtude disso, Ycidra começou a entender que as mulheres com as quais teve contato em sua vida eram mulheres fortes, como Thelma, Sarah, sua mãe, Ida, mas, principalmente, as que ajudaram em sua recuperação enquanto enferma:

Embora cada uma de suas cuidadoras fosse muito diferente uma da outra em aparência, roupas, maneira de falar, alimentação e preferências médicas, suas similaridades eram muito claras. Não havia excessos em seus quintais porque elas repartiam tudo. Não havia restos ou lixo em suas casas porque tinham uso para tudo. Assumiam responsabilidades por suas vidas e por tudo aquilo ou aquele que precisasse delas. A ausência de senso comum as irritava, mas não surpreendia. Preguiça era mais que intolerável para elas: era inumano. Estivesse no campo, em casa, em seu próprio quintal, você tinha de estar ocupado. Dormir não era para sonhar, era para recobrar as forças para o dia seguinte. As tarefas eram acompanhadas de tarefas: passar roupa, descascar, debulhar, separar, costurar, remendar, lavar ou cuidar. Não dava para saber suas idades, mas a vida adulta estava ali em todas. Lamentar ajudava, mas Deus era melhor e elas não queriam encontrar seu Criador e ter que explicar uma vida inútil. Sabiam que Ele ia fazer a cada uma delas a pergunta: “O que você fez?” (MORRISON, 2016, p. 114).

É necessário compreender que a construção de cada personagem desse romance é muito importante e necessária. A autora não se limita apenas a criar personalidades individuais de mulheres fortes ou fracas, boas ou más, mas se mostra capaz de formar uma pluralidade de figuras excepcionais, contando cada história de uma maneira particular, que inspira seu leitor atento a ter sentimentos de fascinação e de admiração. Essas mulheres constroem suas vidas por suas vivências e partilham de suas experiências cotidianas, de modo a criar uma comunidade que se ajuda e se apoia.

A singularidade de cada personagem é perceptível, ainda, pelos diálogos, pelas ações e pelas vivências apresentadas nas personagens literárias de Morrison. É evidente que, ao final da obra, temos um texto guiado pelas consequências de uma série de fatos traumáticos vividos por Ycidra, motivados por inúmeros atos em sua vida, mas que foram gradativamente sarados e cicatrizados com a ajuda das mulheres com as quais teve contato. Ademais, podemos pensar em comparações entre as obras de Morrison analisadas em relação à importância que ambas concedem a dois grupos formados por mulheres que se ajudam mutuamente, compartilhando saberes, vivências e experiências — seja em *Compaixão*, com Florens, Rebekka, Lina e Sarrow, seja em *Voltar para casa*, com Ycidra, Miss Ethel e as mulheres de Lotus, que não foram nomeadas na obra, mas que criaram suas irmandades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de nossos estudos, compreendemos que o caminhar das personagens femininas das obras analisadas de Toni Morrison passou por inúmeras dificuldades e traumas advindos de suas experiências. Nessa pesquisa, pudemos notar o quão importante foi Toni Morrison para a literatura afro-americana no contexto norte-americano. A literatura de Morrison nos mostra a necessidade de destacar a realidade do povo negro, tradicionalmente omitido da história oficial, com o objetivo de ler o que ainda não havia sido escrito e que foi disseminado negativamente pela supremacia branca.

Tornou-se importante abarcar, inicialmente, questões fundamentais que dizem respeito à relação dos EUA com os negros e a como se deu a construção de uma América racista. Por consequência, buscamos entender de que forma as condições das mulheres afro-americanas, nos EUA, ainda são carregadas de inúmeros traumas e de muitas resistências. Por isso, também objetivamos observar o trauma cultural, os esquecimentos e as histórias que sustentam uma América do Norte discriminatória.

É importante salientar que os estudos de formação de sujeitos se dão por sua formação histórica, cultural e por seu gênero, os quais já notamos ser tão importantes em nossa pesquisa, de modo que nos possibilitaram rever a personalidade e ofertar outros subsídios que possam ser construídos. Uma reconstrução do papel da mulher é propiciado pelos estudos de gênero, que quebram os padrões impostos pela masculinidade frágil e autoritária, possibilitando que as mulheres assumam novos papéis nos espaços sociais. Isso porque é necessário reconstruir novos paradigmas e novos conceitos de acordo com as necessidades de cada indivíduo.

Na problematização de questões sobre a formação dos sujeitos, torna-se importante pontuarmos a importância de Toni Morrison e o espaço literário contemporâneo da diáspora negra norte-americana do qual ela faz parte, abarcando, em sua literatura, a difícil missão de traduzir a dor do outro e as incuráveis feridas das mulheres americanas em seus diferentes contextos e situações.

Logo, é substancial focalizar como, a partir da leitura da mulher negra, existe a árdua tarefa de sarar a ferida na história afro-americana nas sociedades americanas. À vista disso, foi importante observar as representações, as dificuldades e os traumas enfrentados pelas afro-americanas nas obras *Compaixão* e *Voltar para casa*. Pensando em como a questão maternal está presente em estudos recorrentes, compreendemos ser imprescindível analisá-la nas obras de Morrison e a forma como foi uma questão difícil para as personagens/mães da autora.

Nossa análise enfocou as características que identificassem o espaço, a representação e as ações das personagens Florens, Lina, Rebekka, Sorrow, em *Compaixão*, e Ycidra Money, em *Voltar para casa*. Segundo Zinani (2013), no modernismo, o indivíduo se aprofunda na multidão, tornando-se um ser sem identidade, anônimo, alienado. Assim, ocasiona-se uma quebra entre sujeitos e identidades. Já no pós-modernismo, com o descentramento do sujeito, estabelecem-se múltiplas identidades de classe, sexualidade, etnia e raça. É interessante, então, identificar como a construção de gênero tem sido traçada e como as mulheres tem sido estudadas para compreendermos a construção das personagens em suas narrativas e perceber quais aspectos caracterizaram a subalternização enquanto esposas, mães, jovens, crianças, órfãs, netas, escravas. A dominação patriarcal se legitima na tradição de dominação histórica que demarca os ordenamentos dos homens e a obediência das mulheres. Nesse sentido, o poder masculino se firma na ideia de que essa dominação é um direito próprio do dominador e que se exerce em seus próprios direitos.

Ainda, foi possível entender como funcionam os traços e influências das raças e racismos nas obras de Morrison, utilizando-nos da teoria pós-colonial, já que, a partir fundamentos teóricos, podemos observar analiticamente como acontecem essas representações nas narrativas. Com isso, podemos também constatar como as mulheres afro-americanas vêm ganhando novos segmentos histórico-sociais tanto nos textos literários quanto na história oficial.

Por fim, podemos entender que, para além do problema racial, temos as representações, ações e motivações das mulheres nas duas obras. Compreendemos, para mais, como o que vemos nas obras de Morrison, além de problematizar certas relações observadas em suas narrativas de *Voltar para casa* e *Compaixão*, nos mostra os vínculos estabelecidos entre as mulheres da fazenda Vaark, que se unem ainda mais com a chegada da menina Florens. Vemos, ainda, a relação das mulheres de Lotus para salvar a vida de Ycidra. As personagens vivem as memórias dos traumas, e suas narrativas se desenvolvem mediante suas dolorosas vivências. Assim, as experiências traumáticas das mulheres das obras de Morrison produzem uma linguagem sensibilizante e tocante ao serem compartilhadas nas narrativas. Esse processo pode ser doloroso, mas torna-se necessário para nós.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.
- BETHENCOURT, Francisco. **Racismos**: Das Cruzadas ao Século XX. Trad. Luís Oliveira Santos; João Quina Edições. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. Linguagem do poder e poder da linguagem. *In*: BRANDÃO, R. S.; BRANCO, L. C. (orgs.). **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004, p. 11-91.
- BRODEY, Kenneth R.; MALGARETTI, Fabio G. **Focus on English and American Literature**. Milan: Modern Languages, 2002.
- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. *In*: LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs.) **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 58-75.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought**: knowledge, consciouness, and the politics of empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2000.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geogers. **História do corpo**: da Renascença às luzes. Trad. Lúcia Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *In*: FINEMAN, M. A.; MYKITIUK, R. (eds.). **The Public Nature of Private Violence**. New York: Routledge, 1994, p. 93-118.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FRIEDMAN, Silvia. **A construção do personagem bom falante**. 1992. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.
- FUÃO, Juarez José Rodrigues. Colonização e racismo nos estados unidos da américa. **BIBLOS**, v. 13, p. 55-66, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HIRSCH, Marianne. Family pictures: maus, mourning, and post-memory. **Discourse**, Cambridge, USA, v. 15, n. 2, p. 3-29, 1992-93.
- HOOKS, Bell. **Black looks**: race and representation. Boston: South End Press, 1992.

HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody**: passionate politics. Cambridge: South End Press, 2000.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

KEIZER, Arlene R. Black feminist criticism. In: PLAIN, G.; SELLERS, S. (orgs.). **A History of feminist literary criticism**. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 154-168.

KING, Margaret. **A mulher do renascimento**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

KITZINGER, Sheila. **Mães**: um estudo antropológico da maternidade. Lisboa: Editorial Presença, 1978, p. 85-112.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Mulher, corpo e maternidade. In: SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 334-340.

MENDOZA, Breny. A epistemologia do sul, a colonialidade de gênero e o feminismo latino-americano. In: BRANDÃO, I. (org.). **Traduções da cultura**: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: Editora da UFSC, 2017, p. 753-775.

MERCER, Ramona T. A theoretical framework for studying the factors that impact on the maternal role. **Nurs. Research**, v. 30, n. 2, p.73-77, 1981.

MOISÉS, Leyla Perroni. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima**: ensaios, discursos e reflexões. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

MORRISON, Toni. **A mercy**. The United States: Random House IE, 2009.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. **Amada**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

MORRISON, Toni. **Compaixão**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

MORRISON, Toni. **Deus ajude essa criança**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

MORRISON, Toni. **Home**. The United States: Random House, 2012.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

MORRISON, Toni. **Voltar para casa**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NICKEL, Vivian. **Trauma, memória e história em A Mercy, de Toni Morrison**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva. Identidades e exclusão: As personagens femininas de Toni Morrison e Maya Angelou. In: LOPES, L. P. da M.; BASTOS, L. C. (orgs.). **Para além da identidade: fluxo, movimento e trânsitos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 151-166.

OLIVEIRA, Natália Fontes de. Motherhood in Toni Morrison's Sula and A Mercy: rethinking (m)othering. **Revista Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 67-84, 2015.

PUGH, Tison; JOHNSON, Margaret E. **Literary Studies: A Practical Guide**. London/New York: Routledge, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Corpo Editorial Letramento, 2017.

RUBIN, Reva. **Maternal identity and the maternal experience**. New York, Springer, 1984.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Eloína Prati. Pós-Colonialismo e Pós-Colonialismo. In: FIGUEIREDO, E. (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010, p. 341-365.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Marginalidade, Exclusão e identidade autoral. In: LOPES, L. P. da M.; BASTOS, L. C. (orgs.). **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 167-179.

SELDEN, Raman; WIDDOWSON, Peter; BROOKER, Peter. **A Reader's Guide to Contemporary Literary Theory**. Great Britain: Pearson Education Limited, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulard Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Lorena Ferés da Silva. 2018. Amas de leite. In: SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 99-105.

VISSER, Irene. Entanglements of Trauma: Relationality and Toni Morrison's Home. **Postcolonial Text**, University of Groningen, v. 9, n. 2, p. 1-21, 2014.

WALTER, Roland. **Afro-América**: diálogos literários na diáspora negra nas Américas. Recife: Bagaço, 2009.

WALTER, Roland. Multitransintercultural: Literatura, teoria pós-colonial e ecocrítica. *In*: SEDYCIAS, J. (org.). **Repensando a teoria literária contemporânea**. Recife: Editora UFPE, p. 605-659.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Feminismo e Literatura: apontamentos sobre crítica feminista. *In*: SEDYCIAS, J. (org.). **Repensando a teoria literária contemporânea**. Recife: Editora UFPE, 2015, p. 407-434.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: Educs, 2013.